



Vila Prado

Entre Ruas e Memórias



Adilson Marques
Organizador



Vila Prado

Entre Ruas e Memórias

Adilson Marques
Organizador

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Vila Prado: entre ruas e memórias / organizado
por Adilson Sanches Marques. – São Carlos, SP :
RiMa Editorial, 2025.
42 p.

ISBN: 978-65-83933-12-6

1. Cidades e vilas – Planejamento. I. Marques,
Adilson Sanches.

CDD 711.43

Elaborado por Natalia Gallo Cerrao – CRB 8/10169

Índice para catálogo sistemático:

1. Cidades e vilas – Planejamento 711.43

Realização:



Apresentação

Estamos diante de um livro emocionante. Ele era para ficar pronto em 2023, ano em que a Vila Prado completou 130 anos de existência. Mas como nem tudo sai como previsto, tivemos um atraso de dois anos. Mas valeu a pena! Ele ficou muito melhor do que o planejado!

Para enriquecer o livro, aproveitamos a edição do III Concurso Literário 60+ para obter mais textos, definindo como tema do concurso a história de vida na Vila Prado. Surgiram textos ótimos e alguns fatos curiosos sobre a vida no bairro que poucos conheciam.

Também aconteceram coisas que não foram agradáveis, mas fazem parte da vida. Dois dos participantes do concurso faleceram após enviarem os seus textos. Um deles, o amigo Luis Antonio Gonçalves, no mesmo dia. A impressão que fica é que o texto foi a sua despedida da Terra.

No dia em que fez a inscrição, por volta das 16 horas, ele mandou um e-mail comentando que havia preenchido o formulário de inscrição e perguntou se o texto dele tinha chegado. Conferi e respondi que sim. Mas, às 19 horas daquele mesmo dia recebi a informação por parte de sua tia, ex-aluna da UATI, que ele havia feito sua passagem para outra dimensão.

Este livro marca também a estreia no campo literário do Instituto Viva Vila Prado, criado por alunos da UATI/FESC, a partir das atividades do projeto Cultura e Memória da Vila Prado, realizado desde 2009 na Fundação Educacional São Carlos.

O livro foi organizado em três partes: na primeira, a aluna Maria Lúcia, do Grupo de Literatura da UATI/FESC, diretora e coordenadora do núcleo de pesquisa do Instituto Viva Vila Prado, apresenta um texto muito ilustrativo sobre o bairro, utilizando sua memória, relatos de amigos e muita pesquisa.

A segunda parte apresenta crônicas e poemas criados pelos participantes do Grupo de Literatura da UATI/FESC e, por fim, a terceira parte apresenta textos de onze participantes do III Concurso Literário 60+, uma atividade cultural organizada pelos alunos da UATI/FESC.

É necessário registrar nosso agradecimento ao vereador Djalma Nery, por enviar a verba parlamentar que permitiu fazer a edição desse livro, e aos diretores e servidores da FESC, que ajudaram a criar as condições necessárias para a realização dessa ação cultural com os alunos matriculados em 2025 nas atividades do Grupo de Literatura da UATI/FESC, entre eles: Antonio da Silva (professor Toninho), Lourdes Aparecida Scalla, Marcos Moreno, Maria Lúcia Derisso, Paulo Sérgio Nanni, Soninha Duarte e Vanilda Gomes, que produziram textos para este livro.

Adilson S. Marques
Educador da FESC desde 2003, criador e coordenador
do Grupo de Literatura da UATI/FESC desde 2013.

PARTE 1

Fragmentos da cultura e da memória da VILA PRADO

Maria Lúcia Derisso



Estádio Luizão. Fonte: Internet.



A Fisioterapeuta aposentada Maria Lúcia Derisso é aluna da Universidade Aberta da Terceira Idade, integrante do Grupo de Literatura e diretora do Instituto Viva Vila Prado. É uma das pessoas que mantêm viva a memória local.

Nesse texto, memórias próprias, narrativas ouvidas na família e pesquisas vão compor um cenário rico de datas, detalhes e curiosidades que aguçam a lembrança de quem viveu essas histórias.

Introdução

Era uma vez...

Um bairro que nasceu acima da linha do trem...

Isso foi lá pelos idos de 1893, quando um tenente coronel resolveu lotear para residências uma gleba de aproximadamente 58 hectares de sua fazenda e vender os lotes para pessoas interessadas em construir suas casas de tal forma a ficarem próximas aos seus locais de trabalho, no caso, a Companhia Paulista de Estrada de Ferro, que ali havia se instalado em 1884. O loteamento já veio demarcado em três ruas paralelas à linha do trem, cortadas por oito ou nove travessas formando quadras de cem metros cada. Logo formou-se um bairro de famílias de ferroviários com muitas crianças e seus animaizinhos de estimação.

Moradores da região central da cidade, considerada como a “parte nobre”, começaram a chamar, de forma pejorativa, o território que se formava de “Vila dos Índios” e “Vila das cabras”. Assim nascia a Vila Prado, a partir das terras do Tenente-Coronel Leopoldo de Almeida Prado e sua esposa Ana.

Décadas depois vieram “os turcos”. Demorou para eu descobrir por que “Fazenda do Turco” e “Represa do Turco”. Por que? Quem eram os “turcos”?

Na realidade, não eram turcos, eram libaneses. Saba e Nicolau Sallum.

Os irmãos Saba e Nicolau Sallum foram proprietários da Fazenda Bela Vista, do início da década de 1930 até 1944, quando a venderam para o fazendeiro baiano Francisco da Rocha Medeiros.

Foram também industriais fundadores da Fábrica de Meias Sallum; responsáveis pelo loteamento do Bairro Bela Vista e doadores do terreno para construção da Igreja Santo Antônio de Pádua, neste bairro. Essa expansão do território veio em 1939 suprimindo a necessidade de ampliação de casas para trabalhadores das indústrias instaladas no bairro. E a classe operária foi chegando para o “paraíso”... digo, para a Vila Prado e Bela Vista. E os “índios” agora eram os ferroviários, os industriários e seus familiares que foram se instalando, com muitas cabras criadas soltas pela Rua Ana Prado que abasteciam muitas famílias com seu leite.

Vamos aprofundar esta história...¹



Santuário São Pio X. Fonte: Arquivo pessoal do editor.

1. Eu, como autora deste texto, não tive a pretensão, nem condições de explorar tudo sobre o território. Portanto, muita coisa que poderá parecer relevante para algum leitor, com certeza ficou faltando. Não sou escritora, muito menos historiadora ou pesquisadora profissional. Sou uma moradora do bairro Bela Vista que sempre gostou de saber sobre a história, origem e identidade do território e do município de onde sou natural. Gosto muito de ler, mas, infelizmente, não encontrei nas minhas leituras, referentes a este tema, informações precisas sobre a origem dos bairros. Encontrei muitas incongruências, principalmente referentes a épocas, e por este motivo iniciei minha pesquisa e resolvi deixar registrado, mesmo que resumidamente, as informações obtidas. Muitas informações partiram das minhas lembranças. Não explorei aqui, por exemplo, o comércio no território. Tampouco, dediquei-me às pessoas. Não que não sejam importantes, mas não quis correr o risco de citar algumas em detrimento de outras. Minha dedicatória vai a todos os moradores, ferroviários, operários e depois comerciantes e seus respectivos familiares; também para os empresários envolvidos e que contribuíram para o desenvolvimento e evolução desta região que estou chamando de “Grande Vila Prado”. Ressalto que minha pesquisa foi até a década de 1970, portanto, bairros que surgiram a partir desta época não foram explorados.

Os bairros que nasceram acima da linha do trem até a década de 1970

Ao observarmos o mapa de 1938 (Fig. 1) da cidade de São Carlos, região central do estado de São Paulo, percebemos uma faixa de três ruas paralelas acima do tracejado que corresponde à linha férrea, a saber: Rua Dona Ana Prado, Av. Prado, posteriormente Rua Dr. Teixeira de Barros (popularmente conhecida como Rua Larga) e Rua Bernardino de Campos; estas cortadas por oito ou nove travessas a partir da Rua Dr. Duarte Nunes, na época denominadas por números, ou seja: Travessas Um, Dois, Três, Quatro, Cinco, Seis, Sete, Oito, Nove... (depois chegando até Doze). Esta região de 57,7 hectares² deu origem ao bairro denominado Vila Prado, em 1893, loteado pelo Coronel Leopoldo de Almeida Prado, proprietário das terras que faziam parte de sua fazenda Palmeiras ou Chácara Vila Prado.³

Nas primeiras décadas do século XX o bairro pouco se desenvolveu, como pode ser confirmado no mapa da Fig. 1. Porém, com o declínio das lavouras cafeeiras na década de 1930 e a migração dos colonos das fazendas para a região urbana, houve a expansão com a instalação de muitas indústrias, sendo que muitas destas foram fundadas por fazendeiros que se transformaram em industriais que foram fixando-se nesta região em função das proximidades com a ferrovia, favorecendo o surgimento de novos loteamentos e o crescimento da urbanização.

Na Fig. 2 podemos perceber que a avenida hoje denominada Dr. José Pereira Lopes inicialmente era conhecida como Av. Major José Inácio, com certeza em função da presença do casarão do Major (Fig. 3), e continuava como Av. Botafogo.⁴ Há referências que este trecho também tenha sido denominado como Rua General Osório, continuidade da referida rua acima da linha férrea, chegando até altura da avenida Sallum. A Av. Botafogo seguia daí até a altura dos córregos do Bernardino e do Medeiros.

Hoje a Av. José Pereira Lopes estende-se da Rua Dr. Duarte Nunes até a Av. Cícero Soares Ribeiro, próximo à Igreja São Nicolau, no Jd. Botafogo I, continuando a partir daí com a denominação de Estrada Municipal Washington José Pêra. A Rua General Osório chega até a bifurcação com a Rua Dr. Duarte Nunes. Nesta bifurcação encontra-se o sobrado cuja fachada tem a forma de uma proa e onde, durante décadas, funcionou o Bar Navio, cuja propriedade pertencia à família Lazarini/Genovez (Fig. 4).

O Bairro Botafogo no início do século XX (Fig. 5) compreendia uma extensão de terra que margeava a linha férrea, abaixo das terras onde havia a casa de veraneio do Major José Inácio de Camargo Penteadado, que a partir de 1923 passa para a Mitra Diocesana. Esta transforma o palacete em uma escola particular e, no terreno, constrói o Seminário Menor Diocesano e uma capela.

O Botafogo, através de sua avenida de mesmo nome, dava acesso para as fazendas, sítios e chácaras da região, e foi loteado com poucas casas e alguns armazéns de secos & molhados como o do Sr. Lázaro Zapparoli⁵ que aparece em registros de 1907 a 1919, passando para Alexandre Barros a partir daí e, posteriormente, para seu genro João de Luca, o "Joanin", como pudemos observar nos registros dos livros abaixo referidos. Apareceram como registros desta época, também, 1906-1907 os sapateiros Domingos Colângelo e Miguel Levi. Em 1922 observo neste livro o registro do armazém de secos & molhados do Sr. Salvador Marcella e, em 1926 e 1927, aparecem os registros em nome de Salvador Micelli,⁶ permanecendo também o do Sr. Alexandre Barros.



Fig. 1 Mapa de São Carlos, 1938. Fonte: Departamento de Habitação PMSC.

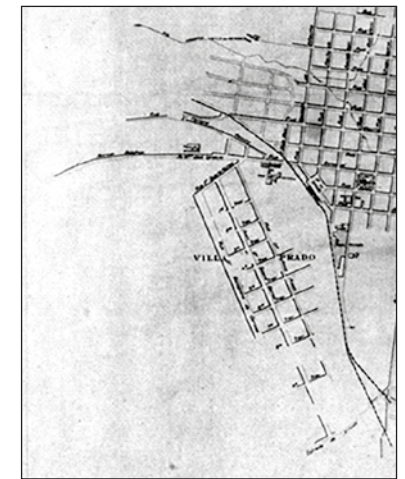


Fig. 2 Recorte mapa Fig. 1 destacando Av. Major José Inácio e Av. Botafogo.



Fig. 3 Palacete do Major José Inácio de Camargo Penteadado, 1940 – FPMSC.

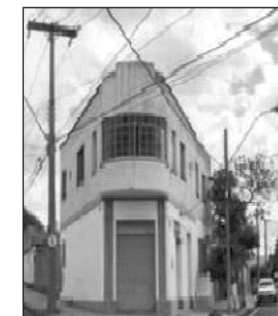


Fig. 4 Sobrado onde funcionou o Bar Navio – FPMSC.

2. Lembrando que 1 hectare equivale a 10 mil metros quadrados.

3. No livro "Fontes Estatístico-normativas da Propriedade Rural em São Carlos; in: Lançamento dos contribuintes do imposto sobre o café (1896-1901); Oswaldo Truzzi, 2004, pg 42, está registrada esta denominação.

4. Em 05 de agosto de 1957 a lei 3492 assinada pelo presidente da Câmara decreta a mudança do nome da Av. Major José Inácio, incluindo a Av. Botafogo, para Av. José Pereira Lopes.

5. Nos livros de registros "Cobranças de Impostos de Indústrias e Profissões da Câmara Municipal" de 1900 até 1927, observo: notificações de 1907 até 1919 em nome de Lázaro Zapparoli e, posteriormente, em nome de Alexandre Barros.

6. Continuando a pesquisa nesses livros, em 1922, aparece o armazém em nome de Salvador Marcella e, em 1926-1927 em nome de Salvador Micelli. Não sei se são dois estabelecimentos distintos ou um erro de grafia no sobrenome registrado.

Estes armazéns, que vendiam desde fumo a querosene, cereais e até carnes, tamancos etc., não faltando a aguardente, serviam de abastecimento dos sitiantes e fazendeiros, mas, principalmente de seus colonos, que quando vinham para a cidade, geralmente paravam para o “último gole”, aproveitando para carregarem suas carroças. Alguns conseguiam voltar para casa porque o cavalo sabia o caminho.

Ainda nesta região de acesso à Av. Botafogo, constando como endereço Rua General Osório, aparecem nesses livros de cobrança de impostos da década de 1920 outros armazéns de secos & molhados como: 1922 – Vicente de Cara (General Osório, 12); Benjamim Lopes (General Osório, 75); 1923 – João Lopes (General Osório, 55). Nesta época, começam a surgir também referências às primeiras fábricas de móveis e colchões, além da sapataria do Sr. Affonso Gallucci.



Fig. 5 À direita de quem olha para a foto: o Bairro Botafogo na década de 1950 na Av. Botafogo; à esquerda, a Indústria Pereira Lopes (IPL). Acervo Volkswagen.

Por sua vez, o Bairro Bela Vista foi loteado a partir de 1939 pelos libaneses Saba e Nicolau Sallum, os proprietários da fazenda Bela Vista, fazendo limite com as terras loteadas pelo Cel. Leopoldo de Almeida Prado.

Tal loteamento deu origem ao Bairro Bela Vista (Fig. 6). Segundo consta na lista de bairros, nos arquivos do Departamento de Habitação da prefeitura de São Carlos, compreendia 53 hectares e estendia da porteira na divisa com a Vila Prado, compreendendo mais quatro ruas paralelas à Bernardino de Campos, a saber: a avenida Sallum, a Rua Dr. Gastão de Sá, a Rua Quintino Bocaiuva e o início da atual rua Benjamin Constant que, como podemos observar no mapa da Fig. 6, eram denominados como ruas A, B, C e D.



Fig. 6 Mapa do loteamento Bela Vista, 1939. Fonte: Acervo Valentim Gueller Neto.

A porteira da Fazenda Bela Vista foi então deslocada para esta altura da Rua D com a Rua Dr. Duarte Nunes, e aí permaneceu até início da década de 1960, quando teve início o loteamento do bairro Boa Vista.

As Ruas do Bairro Bela Vista começavam na atual Av. Jose Pereira Lopes, na época Rua General Osório ou Av. Major José Inácio, e subiam cortadas pelas Ruas Luís Gama, Dr. Duarte Nunes e a extensão das Travessas de Um a Oito ou Nove. Destaco que na Av. Sallum, formando a quadra entre as Travessas Quatro (hoje Rua Ananias Evangelista de Toledo) e Cinco (hoje Rua Antônio Botelho) e Rua Dr. Gastão de Sá, o terreno foi doado pelos mesmos libaneses Saba e Nicolau para a construção de uma igreja.⁷

Com a doação do terreno para a igreja, a pedra fundamental foi lançada em 1943. Enquanto isto, uma igreja foi improvisada em uma casa na esquina da Av. Dr. Teixeira de Barros (Rua Larga) com a Travessa Quatro, na Vila Prado, onde aconteciam as missas.

Contando com muitos esforços da população, que buscou pedras para seu alicerce, a paróquia foi erguida na Av. Sallum, na Bela Vista. Ela foi inaugurada, ainda inacabada, em 1949, e finalizada somente em 1962. Denominada Paróquia Santo Antônio de Pádua (Fig. 7 e Fig. 8), cujo dia do padroeiro é 13 de junho, está localizada na Praça Padre Roque Pinto de Barros. Consta que o relógio foi doado da Igreja Matriz de São Carlos, demolida naquela época, para a construção da atual Catedral. O padre Washington José Pêra chegou à paróquia em 1953, recém-ordenado padre e, dois anos depois, tomou posse como cônego, onde ficou até sua morte, em 1986.

A paróquia tornou-se o primeiro patrimônio histórico-cultural de São Carlos, em 2009.⁸



Fig. 7 Igreja Santo Antônio em construção. Acervo: Valentim Gueller Neto.



Fig. 8 Igreja Santo Antônio – Patrimônio histórico – FPMSC.

7. Observe que, no mapa da Fig. 6, a marcação do terreno referente à igreja está deslocada para uma quadra abaixo e entre as Travessas Quatro e Três.
8. Tombado pelo COMDEPHAA/SC em 2009, levando em consideração, além dos valores arquitetônicos e artísticos, seu valor simbólico para a comunidade dos bairros Vila Prado e Bela Vista. FPMSC.

De casarão de veraneio do Major a Ginásio Diocesano

Consta que, com o falecimento do Major José Inácio de Camargo Penteado em 1915, a Mitra Diocesana adquiriu as terras com o casarão transformando-o, inicialmente, em escola primária particular, fundada no dia 7 de março de 1923. Em 1925 a escola primária se transformou em ginásio e internato (Fig. 9).

Em 1935, o Bispo Diocesano, Dom Gastão Liberal Pinto fundou o Seminário Menor, inicialmente funcionando no mesmo casarão onde funcionava a escola. Anos depois construiu o prédio próprio do seminário, no mesmo terreno, e uma capela ligando os dois prédios, hoje Santuário São Pio X.⁹

Em 1953 o internato foi fechado e iniciou o curso colegial. Como o prédio estava precário e a situação financeira instável, a Mitra Diocesana fez a doação do prédio e do terreno para o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs (Lassalistas). Os Irmãos Lassalistas iniciaram as atividades pedagógicas e a construção de um novo prédio em 1957 (Fig. 10) e a escola passou a ser denominada Centro Educacional Diocesano La Salle, até 2009. A inauguração do novo prédio ocorreu no ano de 1962. Até então, estudavam somente rapazes. No ano de 1964 foi criado o curso técnico em contabilidade, o primeiro curso para moças e rapazes. A partir de 2010, a denominação mudou para Colégio Diocesano La Salle São Carlos, nome jurídico que conserva até os dias atuais.

Atualmente, a escola oferece os cursos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Além das atividades curriculares prescritas, a escola promove atividades religiosas de catequese e Pastoral da Juventude Lassalista e atividades artísticas, esportivas e culturais.¹⁰

O primeiro grupo escolar da Vila Prado

O Grupo Escolar Bispo Dom Gastão (Fig. 11) foi o primeiro grupo escolar do bairro, terceiro do município, criado como Grupo Escolar da Vila Prado em 12 de dezembro de 1933 e instalado em imóvel cedido pela prefeitura a partir de janeiro de 1934. Localizado próximo à bifurcação da Rua General Osório (hoje Av. Dr. José Pereira Lopes) com a Rua Dr. Duarte Nunes, atendeu alunos da primeira à quarta séries. Passou a ser denominado “Grupo Escolar Bispo Dom Gastão” em janeiro de 1947, quando passou a ter como patrono Dom Gastão Liberal Pinto, comemorando suas festividades em 22 de abril, dia de seu nascimento.

O atual prédio localizado na Rua Dr. Duarte Nunes, 294, começou a ser construído em 1957 e passou a funcionar a partir de fevereiro de 1958. Hoje a escola funciona como ensino de 1º Grau de oito anos e é denominada “Escola Estadual de Primeiro Grau Bispo Dom Gastão”.¹¹

9. In: São Carlos na Esteira do Tempo; Ary Pinto das Neves, pg. 91, 2007.

10. Fonte: site do colégio – <https://lasalle.edu.br/saocarlos/sobre-o-colegio/quem-somos> – consulta realizada em 23/5/2024.

11. Fontes: O Correio de São Carlos 21/10/1933 p. 4 – rolo 23 (pesquisa em 23/2/2024); O Correio de São Carlos 19/1/1934 p. 2 – rolo 23 (pesquisa em 27/2/2024); Câmara Municipal de São Carlos – camarasaoCarlos.sp.gov.br – Vereador Robertinho Mori congratula escola Bispo Dom Gastão por seus 85 anos – 25/4/2018.



Fig. 9 Ginásio Diocesano – Década de 1930. Acervo FPMSC.



Fig. 10 Construção de um novo prédio – 1958. Acervo Valentim Gueller Neto.



Fig. 11 Grupo Escolar Bispo Dom Gastão. Década 1970. Acervo FPMSC.

A água para a Vila Prado e Bela Vista

Em 25/3/1934, o jornal “O Correio de São Carlos” divulgou o interesse do prefeito municipal de dotar o Bairro de Vila Prado de serviços de água e esgoto. Um reservatório de acumulação foi instalado na Av. Sallum, esquina com a Travessa Três (Rua Antônio de Almeida Leite) (Figs. 12 e 13).

Em 1950, o “O Correio de São Carlos” do dia 15/8/1950 noticiou estar aberta a concorrência pública para construção de um reservatório de pressão de duzentos metros cúbicos ao lado do reservatório de acumulação existente no Bairro Bela Vista, através do edital 293. E, em 15/10/1950, o mesmo periódico noticia: *“acham-se em franco andamento as obras da construção do castelo d’água, o qual virá beneficiar grandemente o fornecimento do precioso líquido para o bairro Bela Vista e à Vila Prado... com previsão de ficar pronto em abril até maio do ano seguinte.”*



Fig. 12 Caixa d’água Bela Vista, 1960. Acervo Valentim Gueller Neto.



Fig. 13 Vista aérea caixa d’água Bela Vista 1960. Acervo FPMSC.

Neste terreno mostrado na Fig. 13, onde funcionava a caixa d’água, localizado na Av. Sallum, 535, ao lado do Cine Jóia, em 07\07\1969 foi inaugurada a CEMEI (Centro Esportivo Municipal de Educação Infantil) “Carmelita Rocha Ramalho” e, décadas mais tarde, a caixa d’água foi transformada na Biblioteca Municipal Euclides da Cunha.

Agência postal para a Vila Prado...

Com a chamada “inaugura-se amanhã agência postal na Vila Prado”, o periódico de 31 de agosto de 1951, de “O Correio de São Carlos”, trouxe as seguintes informações: *“será solenemente instalada amanhã às 17 horas a Agência Postal de Vila Prado, nesta cidade”... “O agente local do departamento dos Correios e Telégrafos, por nosso intermédio, convida a população de um modo geral, para a instalação da Agência Postal de Vila Prado, situada à Rua Dr. Duarte Nunes, 168, no dia 01 de setembro vindouro, às 17 horas”.*

Tal agência funcionou por várias décadas neste local. Atualmente, está localizada na Av. Sallum, 1108.

A Vila Pelicano

Em 1949, imediatamente acima da via férrea, foi loteada a Vila Pelicano, uma extensão de dez hectares, propriedade da senhora Rosina Pelicano. A propriedade margeava a linha do trem, formada pelas primeiras habitações construídas além linha, onde moravam os ferroviários empregados da Companhia Paulista de Estrada de Ferro. Nesta região fica situada a Escola SENAI, uma agência funerária e funcionava também a fábrica de espelhos Regite Arab & Castraldi ou Regite Arab e Cia.

Escola SENAI

A Escola SENAI (Fig. 14), cujo patrono é o ex-prefeito Antônio Adolpho Lobbe, iniciou oficialmente suas atividades em 15 de janeiro de 1951, instalada em prédio próprio na Rua Roberto Simonsen, 157, Vila Pelicano, na divisa com a

linha férrea. Consta que a indicação do município para sediar uma escola SENAI é de 1945 e, em 1946, foi adquirido o terreno para construção do prédio que ocorreu em 1950. A aula inaugural ocorreu em 2 de fevereiro de 1951, ministrada pelo então prefeito municipal Luiz Augusto de Oliveira. De 1962 a 1964 passou pela primeira obra de ampliação e, de 1979 a 1981, pela segunda obra de ampliação de salas de aula, laboratórios etc.¹²



Fig. 14 Escola SENAI de São Carlos. Acervo site oficial da escola.

12. Projeto Memória da Escola SENAI, primeiro semestre de 2003 – curso Ferramentaria. 2003. Material disponibilizado pela biblioteca da escola.

A Nova Funerária

O empresário Moreno Bertho (1934-2020), natural de São Carlos, fundou em 11 de abril de 1969 uma agência funerária na Vila Prado: A Nova Funerária. Inicialmente, localizava-se na esquina da Rua Ana Prado com a Rua Cândido Padim (Travessa Um). Em 1974 mudou-se para a Cândido Padim, 56, na diagonal da Escola SENAI, permanecendo até hoje. Conta com filiais em Matão, desde 1982, e em Santa Cruz das Palmeiras, desde 1990. Possui escritórios em Ibaté e Dourado.

Moreno Bertho foi motorista de táxi, tinha um ponto próximo ao cemitério. Como São Carlos na época só possuía uma agência funerária, resolveu juntamente com um sócio, investir neste “filão”. O sócio logo ficou doente e saiu da sociedade. Moreno continuou sozinho e, com o seu falecimento, em 2020, os filhos Marcos Moreno Bertho e Maurício Moreno Bertho assumiram a sucessão.

Além dos serviços de sepultamento, a Nova Funerária presta um serviço assistencial social junto aos clientes referente a aluguel de cadeiras de rodas, macas e mesas hospitalares, andadores e muletas.¹³

O Jesuíno de Arruda

A Escola Estadual Jesuíno de Arruda (Fig. 15), foi a segunda escola estadual ginásial de São Carlos, *“idealizada pelo professor Luís Augusto de Oliveira, falecido em 1956. Coube ao deputado estadual Vicente Botta a tarefa de apresentar na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo a proposta que resultou na lei nº 3946 publicada em 3 de julho de 1957, instituindo o Ginásio Estadual de Vila Prado. A denominação de Jesuíno de Arruda foi sacramentada por lei publicada no dia 21 de julho do ano seguinte”*.

Funcionou inicialmente apenas no período noturno no prédio onde já estava instalado o Grupo Escolar Bispo Dom Gastão. Em 3 de novembro de 1959 mudou-se para o prédio atual, no final da Av. Dr. Teixeira de Barros, na Praça Dona Maria Gertrudes de Arruda, sendo inaugurada no dia 4 de novembro de 1959 como Ginásio Jesuíno de Arruda. Em 1964 passou de ginásio a colégio, sendo, então, o segundo Colégio Estadual de Ensino Médio de São Carlos.¹⁴



Fig. 15 Colégio Estadual Jesuíno de Arruda, 1960. Acervo Valentim Gueller Neto.

A Passagem do centro via Travessa Oito

A abertura subterrânea para passagem do início da Rua José Bonifácio para o bairro Vila Prado, na Travessa Oito, atual Rua Itália, foi uma aspiração da população do bairro com o objetivo de encurtar a distância do percurso que os moradores tinham de fazer para dirigir-se às fábricas que ficavam além linha, sentido região central, como Tecidão, Fábrica de Lápis, Giometti etc., bem como os residentes na região central que deslocavam-se para trabalhar na tecelagem Germano Fehr, que ficava na Rua Itália esquina com a Rua Ana Prado, uma vez que a Companhia Paulista de Estrada de Ferro proibiu a travessia de pedestres sobre os trilhos, devido ao alto número de desastres ali ocorridos, fechando a passagem. Assim, os moradores da região do lado de cá da via férrea tinham de dar a volta pela Samba (atual Praça Itália) ou pela porteira da General Osório.

A abertura foi um processo que demorou duas décadas para ser concretizado, estendendo-se de 1933-1934 a 1953. Vários abaixo-assinados por moradores, desde 1930, foram entregues para dois outros prefeitos¹⁵ quando, em 1933, pareciam ser iniciadas as demandas de negociações pelo governo municipal, como podemos observar em notícias do periódico local da época, a saber, o jornal “O Correio de São Carlos”, que faz referência ao tema dando praticamente como certa a concretização da obra por aquele governo, em pelo menos dois momentos¹⁶ para posteriormente desaparecer das manchetes.

Sem contar que, em uma notícia anterior a essas¹⁷ com a manchete: *“A passagem da Rua José Bonifácio à Vila Prado – uma antiga aspiração que vae se tornar em realidade – Homenagem ao prefeito”*, o responsável pela notícia escreve exaltando a manifestação do atual prefeito em não medir esforços para concretizar tal feito, após receber novo abaixo assinado dos moradores, e estes, crédulos, promoveram-lhe uma significativa manifestação de apreço na tarde de domingo, 15 de outubro, com direito a discursos, entrega de ramalhetes e até champagne durante o brinde entre os convidados. Mas, caros leitores, o feito não saiu do papel! Pelo menos não naquele momento, naquele governo que comemorou antecipadamente e recebeu homenagens desmerecidas!

Tal demanda e, portanto, a aspiração dos moradores da Vila Prado, como foi possível acompanhar em outras publicações, arrastou-se por praticamente duas décadas para ser concretizada.

Tais manchetes sobre o tema voltaram a ser noticiadas no mesmo periódico no início da década de 1950,¹⁸ praticamente recomeçando do zero. Transfor-

13. Informações retiradas de depoimento de Marcos Moreno Bertho sobre a Nova Funerária em entrevista para a autora.

14. Memória São-Carlense: Uma escola chamada Jesuíno de Arruda, 5 Jul 2019 por Cirilo Braga.

15. Na época (de 1930 a 1937) eram interventores nomeados pelo governo federal ou estadual.

16. O Correio de São Carlos de 28 de outubro de 1933, pg. 1 e O Correio de São Carlos de 29 de outubro de 1933, pg. 6.

17. O Correio de São Carlos de 17 de outubro de 1933, pg. 2.

18. O Correio de São Carlos de 7\7\1951; de 26\8\1951; de 25\12\1951; de 25\7\1952, pg.1; de 15\8\1952; de 17\6\1953, pg. 1; de 25\8\1953, pg. 1 e de 10\9\1953, pg. 1.

mada numa verdadeira saga a obra foi finalmente “concretizada” em meados de 1953, apesar que de forma incompleta. Abaixo um resumo da evolução desta saga:

1. Em publicação de 26 de agosto de 1951 há a notificação da assinatura do contrato entre prefeitura e a Cia. Paulista: *“Foi assinado em 24 de agosto em São Paulo o contrato entre a prefeitura municipal desta cidade e a Cia. Paulista de Estrada de Ferro para abertura da passagem para a Vila Prado sob os trilhos daquela ferrovia ligando a Rua José Bonifácio com a Travessa Oito. O contrato deverá ser homologado amanhã pela Câmara. Prevê-se sessenta dias para início das obras após aprovação e término para vinte meses a contar do início dos trabalhos.”;*
2. Em publicação de 21 de novembro de 1951 é noticiada que as obras já se iniciaram;
3. Em 25 de dezembro de 1951 a notícia referente ao tema presta conta dos valores estimados pela obra;
4. Em 25 de julho de 1952 “O Correio de São Carlos” noticia a continuação das obras notificando já ter sido terminado o primeiro paredão e estando em construção o segundo;
5. Em 15 de agosto de 1952 o mesmo periódico noticia o término do segundo paredão ficando, portanto, concluídos os dois paredões laterais da passagem sob os trilhos da Cia. Paulista, e que agora terá início a escavação para construção da parede divisória das duas vias com previsão de prazo para terminar, de acordo com contrato, até meados do próximo ano;
6. Em 17 de junho de 1953, pg. 1 o jornal noticia que: *“A primeira fase dos trabalhos de construção da passagem sob os trilhos já está terminada. Os três paredões estão construídos e a terra já foi removida sendo possível o trânsito por aquele local”;*

Agora, pasmem, senhores leitores, assim como eu, com as duas próximas notícias:

7. Em 25 de agosto de 1953, na página 1 do periódico podemos ler: *“como é do conhecimento público, acha-se já aberta ao trânsito a passagem para a Vila Prado... os trabalhos foram interrompidos após aplainarem as ruas e removida a terra não prosseguiram as obras necessárias que são entre outras: construção de uma galeria para vazão das águas pluviais e o calçamento do leito da passagem...”* e retrata que no dia anterior em função de chuva que nem foi muita *“formou-se verdadeiro rio na passagem, tendo encalhado, naquele local, diversos caminhões”;*
8. Em 10 de setembro de 1953 novo alerta sobre chuva e inundação agora das duas vias com trânsito interrompido e *“moradores do bairro para não dar a volta pela Rua General Osório ou pela Samba atravessaram de sapatos na mão e água até os joelhos aquele local”.*



Fig. 16 Viaduto Travessa Oito - passagem sob trilho. Acervo FPMSC.

O Bairro Boa Vista

O loteamento do Bairro Boa Vista teve início a partir de 1961. Sua extensão de 52 hectares, compreendia uma área que ia dos limites da empresa IPL – Indústria Pereira Lopes – em 4 ruas paralelas à Rua Quintino, a saber: Benjamin Constant, Francisco Penteado, Francisco Fiorentino e Luiz Carlos de Arruda Mendes e nas transversais: Rua Luiz Gama, Dr. Duarte Nunes e as Travessas que foram prolongadas de Dois a Nove.

Com o loteamento do bairro Boa Vista, onde existia um campo de futebol de terra batida, na região compreendida entre as Travessas Cinco e Sete foi construído o Estádio de Futebol “Luiz Augusto de Oliveira” inaugurado em 1968 (Figs. 17 e 18).



Fig. 17 Estádio Municipal “Luiz Augusto de Oliveira”, “Luizão”. Imagem Google, 2024.



Fig. 18 “Luizão”: entrada Travessa Seis. Acervo Valentim Gueller Neto.

Redenção

Em 1966 foi promovido um conjunto habitacional de casas populares acima do recém-loteado bairro Boa Vista, para famílias de trabalhadores de baixa renda. O terreno de 3,5 hectares, destinado para construção do loteamento, partiu de um contrato da proprietária Cârola Rodenburg Medeiros Neto, Prefeitura Municipal de São Carlos e CECAP (Caixa Estadual de Casas para o Povo). Tal conjunto, que compreendia cento e quatro casas, distribuídas em três ruas paralelas à esquerda da Travessa Sete (Rua Desembargador Júlio de Faria), foi inaugurado em 1968 com o nome de Redenção (Figs. 19, 20 e 21). O nome foi escolhido pelos moradores em homenagem a uma novela¹⁹ que passava na TV nesta época.



Fig. 19 Vista aérea conjunto habitacional Redenção, 1968. Acervo Valentim Gueller Neto.



Fig. 20 Saneamento básico na Redenção, 1968. Acervo Valentim Gueller Neto.



Fig. 21 Alameda na praça central da Redenção, 1970. Acervo Valentim Gueller Neto.

A porteira da Rua General Osório e a construção de outra passagem: O Viaduto

Retornando para a altura da linha do trem pela continuação da rua General Osório, na divisa com a Rua 24 de Maio, onde havia uma porteira (Fig. 22) deparávamos com a Serraria Giongo, fundada em três de janeiro de 1897 por Abel Giongo,²⁰ que funcionou durante décadas na Rua Victoria (depois denominada Bento Carlos),²¹ aparecendo a referência de Abel Giongo e Filhos no endereço da Rua 24 de Maio, como agente de Armazéns Geraes e mantendo a Serraria a Vapor na Rua Bento Carlos, nos anos de 1923 até 1926.

O registro da serraria na Rua General Osório aparece em 1931. O prédio da serraria se estendia pela lateral esquerda da Rua General até a Rua Dr. Duarte Nunes, compreendendo a Chácara Giongo, terminando na imponente residência da família (Figs. 23 e 24).

O prédio da serraria hoje dá lugar a uma agência dos Correios e a residência a um salão de festas (também foi pizzaria Luna) e uma escolinha infantil, porém mantendo muito da construção original. O bonde visto na Fig. 23 chegava até o Colégio La Salle. Os bondes saíram de circulação em 1962



Fig. 22 Porteira da rua General Osório, 1990. Acervo APH_FPMSC.



Figs. 23 e 24 Serraria Giongo. Fotos: década 1950. Acervo Valentim Gueller Neto.

19. A novela Redenção, do autor Raymundo Lopez, dirigida por Dionísio Azevedo, foi uma das mais longas telenovelas exibidas pela TV Excelsior, com 696 capítulos, no período de 16 de maio de 1966 a 2 de dezembro de 1968. Wikipedia.

20. Referências do jornal "A Opinião" de 12/8/1897_n 67 p. 3.; e "O Correio de São Carlos de 23/10/1921 p. 31. Fonte: UEIM_UFSCar_FPMSC.

21. Câmara Municipal de São Carlos – Livro de Lançamento de Impostos de Indústrias e Profissões de 1906 até 1926 e depois 1931.

Subindo, sentido esquerdo da linha, paralelo a ela e logo após a serraria, tinha o Moinho Victória de beneficiamento de café e arroz (Fig. 25), que funcionou até 1949. Hoje, no local, está o prédio do Poupatempo.

Praticamente em frente ao Moinho Victória, dentro das dependências da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, temos os dois blocos dos armazéns gerais da Companhia que, após planta aprovada em 1908, foi construído e inaugurado em 1910 (Figs. 26 e 27).²²

Após o moinho havia um amplo terreno, com frente para a Rua Roberto Simonsen, usado para montar circos que vinham de outras regiões que se instalavam por dias ou semanas, servindo de entretenimento para a população. Além das diversões comuns a um circo como palhaços, trapezistas, malabaristas etc., muitas peças de teatro eram exibidas, geralmente associadas com letras de músicas caipiras da época; muitas contavam com a presença das duplas que as cantavam, como Tonico e Tinoco, por exemplo.

Eu tive oportunidade de presenciar vários espetáculos, levada pelas mãos do meu pai, junto com meus irmãos, na década de 1960. No início da década seguinte, neste local, foi construída a fábrica de móveis Moyster.

Do outro lado da Rua Roberto Simonsen com a Travessa Um (depois, Rua Cândido Padim), foi construída no início da década de 50 a Escola SENAI (Fig. 14), já abordada anteriormente.

Entrando na primeira quadra à esquerda da Rua Cândido Padim, na Rua Roberto Simonsen, número 218, Vila Pelicano, em frente à escola SENAI, tínhamos a fábrica de Vidros e Espelhos Regite-Arab ou Regite & Castraldi dos industriais Orestes Castraldi e Ignacio Arab.²³

A Fig. 28 ilustra a área da estação ferroviária com a praça da estação na região central inferior da foto, com a Rua General Osório à direita de quem olha para a foto. Fiz marcações com números de 1 a 7 com o objetivo de auxiliar o leitor a identificar locais marcados como destaque na legenda e associadas com as descrições no texto nos parágrafos superiores. Podemos observar que o acesso ou passagem da região central para os bairros além linha, nesta época, década de 1950, era possível pela passagem de nível sobre trilhos ali na bifurcação da Rua General Osório com a Rua 24 de Maio, onde havia a porteira, na foto marcada com o número 7. O desafio aqui é ir seguindo o texto e identificando as marcas numéricas na foto. A legenda da foto pode facilitar a identificação dos locais.

Em meados da década de 1960, visando melhorar o acesso da região central para os bairros da Grande Vila Prado, via Rua General Osório, teve início o projeto de construção de um viaduto sobre a linha férrea. As obras começaram em 1965, com a desapropriação e demolição de um quarteirão inteiro de casas e a CIAR²⁴ (Fig. 29), que iniciava o tal quarteirão, no início da Rua Visconde de Inhaúma, na praça Antônio Prado, até a General Osório (Fig. 30). A construção envolveu os anos de 1966, 1967 até outubro de 1968 (Fig. 31) quando ocorreu a inauguração da obra denominada Viaduto 4 de Novembro.²⁵

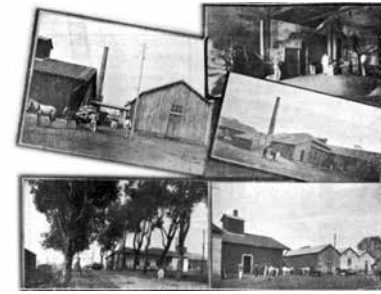
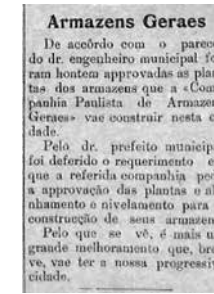


Fig. 25 Moinho Victória, 1920 – FPMSC.



Figs. 26 e 27 Armazéns Geraes Companhia Paulista, 1908-1910. Acervo UEIM – UFSCar/ FPMSC.

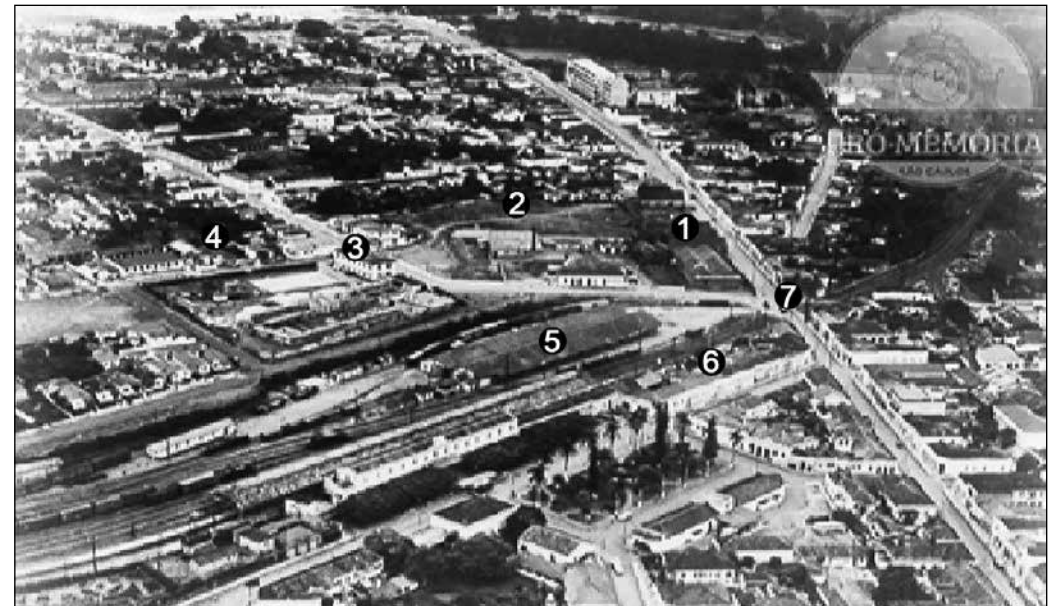


Fig. 28 Vista aérea da região da Estação Ferroviária com início do Bairro Vila Prado, acima da linha do trem. Destaque para: 1. Serraria Giongo; 2. Moinho Victória; 3. Escola SENAI; 4. Regite Arab; 5. Prédio dos Armazéns Gerais da CP; 6. Quarteirão que foi demolido na década de 60 para construção do viaduto; e 7. região da porteira. Acervo FPMSC.

22. Fatos noticiados nos periódicos do Jornal O Correio de São Carlos de 9/10/1908, pg. 1 e de 25/8/1910, pg. 3.

23. Ari Pinto da Neves em seu livro São Carlos na Esteira do tempo, pg. 102 refere ser de 1934.

24. A CIAR era uma fábrica de ferramentas agrícolas de 1940, do empresário Dante Ciarrochi. Com a desapropriação, o empresário instalou a fábrica na Vila Marcelino.

25. Em 2018, após cinquenta anos de história como Viaduto 4 de Novembro, a Câmara Municipal aprovou o projeto de lei número 155 que propôs a mudança de nome para Viaduto Prefeito Antônio Massei, transformado em lei municipal 1 8.632 e sancionada pelo prefeito. A população não havia assimilado nem o nome inicial e continua chamando o viaduto de "Viaduto da Fepasa" ou simplesmente "Viaduto".



Fig. 29 Praça Antonio Prado, Estação e ao fundo casa onde funcionava CIAR. Desenho Prof. Julio Bruno. In: "São Carlos na Esteira do Tempo", 2007.



Fig. 30 Destaque retangular demarcando o quarteirão demolido em 1965 para construção do Viaduto 4 de Novembro.



Fig. 31 Vista aérea região estação ferroviária com Viaduto 4 de Novembro ligando região central ao Bairro Vila Prado, com Indústria de Móveis Moyster e Serraria Giongo. Década 1970. Foto: volksclubesaocarlos.blogspot.com

As Indústrias pioneiras na Vila Prado e Bela Vista

Nas décadas de 1920 e 1930 surgiram, na Av. Botafogo e General Osório (depois Av. Dr. José Pereira Lopes), várias fábricas de camas estimuladas pelas serrarias existentes. Em seguida, várias indústrias instalaram-se na Vila Prado e Bela Vista, contribuindo para o desenvolvimento desta região. A escolha das instalações próximas à Companhia Paulista de Estrada de Ferro era estratégica, pois facilitava o recebimento de matérias-primas e transporte dos produtos manufaturados. Nesta época os produtos produzidos estavam voltados para o meio rural.²⁶

Além da Serraria Giongo fundada por Abel Giongo em 1897 e da Fábrica de Vidros e Espelhos Regite Arab e Castraldi, já apresentadas no item anterior, seguindo pela Travessa Um, atual Rua Cândido Padim, logo na esquina com a Rua Dona Ana Prado tínhamos a fábrica de bolas – Fábrica de Artefatos de Couro Líder – fundada em 1949, pelo senhor Hermann Schutzer, cujo fechamento ocorreu em 1997.

Em frente, na Rua Ana Prado, 188 tinha a Fábrica de Sabão do Narváez – A Indústria Reunidas de Sabão Apolo – que começou a funcionar em 1927 (Fig. 32) produzindo pregos, peneiras e sabão.

O proprietário foi o industrial Sr. Antônio Narváez. O imóvel onde funcionava a indústria estendia-se desde pouco mais da metade da primeira quadra da Rua Ana Prado, Cândido Padim e Av. Dr. Teixeira de Barros, chegando quase na Dr. Duarte Nunes. O imóvel ainda permanece no local. Ao ser desmembrado, funcionou na Rua Ana Prado o Clube do Gui-Gui e, na entrada pela Av. Dr. Teixeira de Barros, a Oficina Cultural Sérgio Buarque de Holanda. Hoje pertence a uma igreja evangélica: Igreja do Nazareno.

Na Rua Dr. Teixeira de Barros, nesta mesma quadra, bem na frente da empresa ficava a residência do industrial Antônio Narváez e sua esposa Carmem (Fig. 33), onde residiam também dois cunhados, um irmão e uma irmã desta. O cunhado era o pianista Antônio Mugnol (ou Munhoz) que chegou a ser diretor da fábrica com o falecimento do industrial, em 1952. Um palacete que posteriormente serviu de sede para o clube recreativo das indústrias Pereira Lopes (IPL) e, atualmente, encontra-se muito deteriorado.



Fig. 32 A Indústria Reunidas de Sabão Apolo – Acervo FPMSC.



Fig. 33 Palacete família Narváez – Acervo FPMSC.

26. Tema apresentado com profundidade por Oswaldo M. S. Truzzi em *Café e Indústria*, 2007.

Entrando à esquerda, na Rua Ana Prado com a Travessa Um, do mesmo lado esquerdo entre as Travessas Um e Dois, temos a indústria Colmeia – Indústria e Comércio de Colchões e Correntes, do industrial Orestes Mastro Francisco (Fig. 34). Esta indústria está no mercado e no mesmo local há mais de 80 anos – hoje Induscomel, com novos proprietários da família Massari, que foram empregados do Senhor Orestes.

Na Rua Dona Ana Prado esquina com a Travessa Oito (Rua Itália) fazendo fundos coma a ferrovia ficava a Fiação Tecelagem São Carlos (Fig. 35) do industrial Germano Fehr. O imóvel ainda está no mesmo local e hoje funciona a empresa Rossignolo.



Fig. 34 Indústria Colmeia. Acervo: Valentim Gueller Neto.

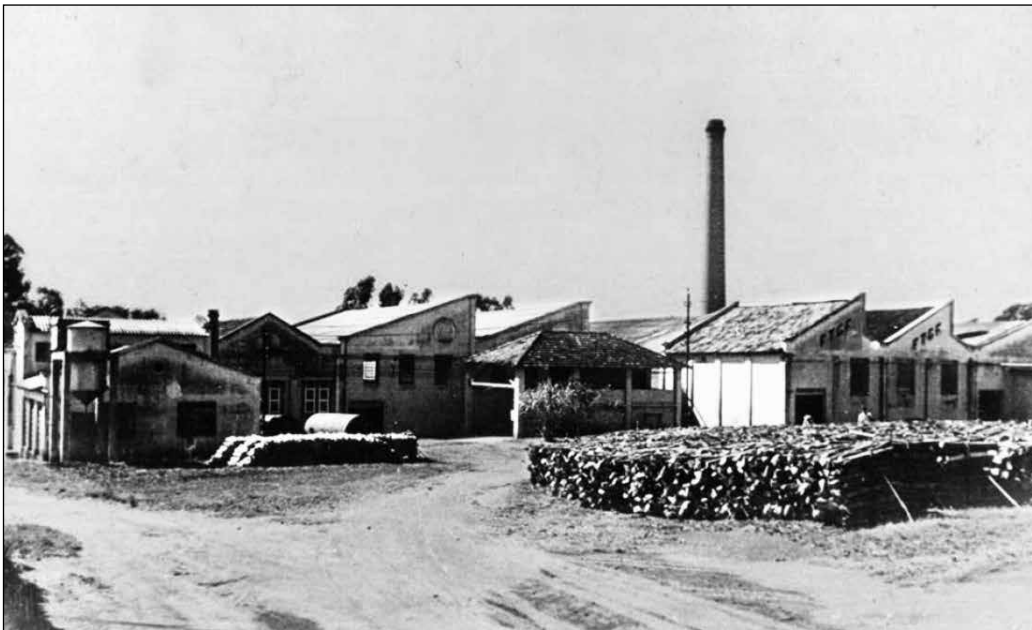


Fig. 35 Tecelagem São Carlos Germano Fehr. Acervo: FPMSC.

Localizada na esquina da Travessa Nove (atual Rua Cidade de Milão) com a Rua Ana Prado foi fundada pelo comerciante Irineu Rios em 1948 a Bicletaria Casa Rios (Fig. 36). Era uma oficina de consertos de bicicletas e lambretas, e de aluguel e vendas delas. O sr. Irineu Rios estimulava a prática de esportes, dentre eles o ciclismo e futebol de salão, sendo muitas vezes premiado em torneios de futebol de salão, com sua equipe familiar de futebolistas. A oficina funcionou até meados da década de 2010, sendo que após o falecimento do sr. Irineu, em 1969, passou a ser gerenciada pelo seu filho Erondino Rios.²⁷

Em 1935, surgiu a Indústria de Meias Sallum (Figs. 37 e 38), fundada pelos irmãos Saba e Nicolau Sallum, libaneses, proprietários nesta época da Fazenda Bela Vista, instalando-a ali próximo ao palacete do Major José Inácio, na Rua General Osório, que, a partir de 1942,²⁸ passou a ser gerenciada pelo sucessor William Sallum, filho do Nicolau.



Fig. 36 Bicletaria Casa Rios. Acervo particular Marluci Rios.



Fig. 37 A Cidade, 17/5/1960. Fonte: UEIM-UFSCar. Acervo Marco Bala.



Fig. 38 Correio de São Carlos, 21/5/1935. Fonte: UEIM-UFSCar – Acervo Marco Bala.

27. Fonte: depoimento Marluci Rios, neta de Irineu Rios para a autora em 9/9/2024.

28. Segundo reportagem da revista *Kappa* de 28 de março 2015, sobre a Vila Prado.

Na Rua Dr. Duarte Nunes, 323, esquina da Rua Bernardino de Campos funcionou por décadas a Indústria de Seda e Algodão São Carlos S/A; hoje, no local, foi construído um prédio de condomínio residencial com vários blocos.

Na primeira quadra da Rua Quintino Bocaiúva, na Bela Vista, pouco acima da Rua Luiz Gama, estava localizada a Metalúrgica Cruzeiro, dirigida pelo industrial Orlando Passarelli que dedicava-se a produção de marretas, cunhas, martelos, talhadeiras, pés-de-cabra etc., segundo referências, desde 1945, quando foi fundada sob razão social de Irmãos Passarelli. Era conhecida como “Marteleta”.

A Indústria Pereira Lopes (IPL) (Fig. 39), fundada em 1942 pelos irmãos Ernesto, Mario, José e Octavio Pereira Lopes, em São Paulo, transferiu-se para São Carlos em 1945. Eles montaram a indústria em terras da Fazenda Bela Vista como fábrica de motores elétricos construídos com material nacional. Em 1950 os Pereira Lopes implantaram linha de montagem para produção de geladeiras.²⁹

Com a marca Champions, foram comercializados os primeiros refrigeradores que logo foi substituído pela marca Climax. Em 1954 a marca tornou-se líder, produzindo um quarto do total produzido do setor. Neste ano a empresa passou a adotar a tecnologia dos compressores herméticos. Em 1982, devido a problemas financeiros em outras empresas do grupo, Ernesto vendeu o controle acionário do grupo para a Refrigeração Paraná S. A.

Em 1996, a Electrolux, multinacional de capital sueca adquiriu o controle acionário da Refripar. A partir de 1998 passou a se chamar Electrolux do Brasil S. A.³⁰



Fig. 39 Vista aérea da Indústria Pereira Lopes, 1950. Foto: volksclubesaocarlos.blogspot.com.

29. Na biografia *Ernesto Pereira Lopes – Um Homem, Três Tempos*, de Célia Ventura e Fábio Hartung. Editora Sanyo, 1994.

30. Oswaldo M. S. Truzzi et al., *Café, Indústria e Conhecimento*. EdUFSCar, 2008.

O Jardim Pacaembu

Loteamento compreendendo uma extensão de vinte hectares, promovido pela imobiliária Guerino Petrilli, o Jardim Pacaembu teve início em 1955, entre os bairros Vila Prado e Bela Vista, incorporando a Travessa Doze (Rua Coronel Leopoldo Prado). Aí estão localizados: a Instituição Nosso Lar, o Cemitério Santo Antônio de Pádua e a Escola Maria Ramos.

Nosso Lar

A Instituição Espírita Nosso Lar (Fig. 40) foi fundada na década de 1960 com o propósito de oferecer abrigo e proteção a menores desamparados moral e materialmente, através de trabalho voluntário de um grupo de pessoas, evoluiu para a criação de uma creche – “A creche Nosso Lar – uma organização social sem fins lucrativos que atua na educação infantil e desenvolve atividades de Serviços de Convivência e Fortalecimento de Vínculos, para crianças e adolescentes; Medidas Socioeducativas para adolescentes e jovens através de Oficinas de qualificação e preparo para o mercado de trabalho para jovens em situação de vulnerabilidade social. Como forma de garantir a efetivação do trabalho, o Nosso Lar tem se comprometido com toda a rede de atendimento no município, tanto na execução de programas e projetos com crianças, adolescentes e jovens, além de acompanhamento familiar”.³¹

O Nosso Lar Escola de Educação Infantil localiza-se na Rua Prof. Helvídio Gouvêia, 186.

Cemitério Santo Antônio de Pádua

O Cemitério Santo Antônio de Pádua (Fig. 41), localizado na Rua Maestro Adolpho Raimundo Caputo, 163, no Jd. Pacaembu, foi uma obra reivindicada pelos moradores dos bairros Vila Prado e Bela Vista desde 1950. Apesar de contar com recursos aprovados pela Câmara e disponibilizados desde 1954, e de já ter um nome escolhido e aprovado pela Câmara, em 1956, o terreno só foi comprado em 1962, sendo o cemitério finalmente inaugurado em 3 de outubro de 1963, com as bênçãos do cônego Washington José Pêra, conforme notícia de “O Correio de São Carlos” de 5 de outubro de 1963. Os moradores aguardaram outros nove meses para ver o primeiro sepultamento, em 21 de julho de 1964, segundo o livro de registro de óbitos, do sr. Antônio dos Santos, com noventa e quatro anos. (Inevitável não lembrar de “Sucupira”... a vida imitando a arte).



Fig. 40 Nosso Lar, 1970 – FPMSC.



Fig. 41 Cemitério Santo Antônio de Pádua – Google.

31. Sobre a Instituição Nosso Lar: consulta ao site da instituição.

Escola Maria Ramos³²

A Escola Estadual Professora Maria Ramos foi instalada, segundo consta no Diário Oficial de 21 de junho de 1966, na Rua Maestro Adolpho Raimundo Caputto, 340, Jd. Pacaembu (hoje o endereço referido é Bairro Boa Vista). O ato de autorização de funcionamento através da Lei nº 4603/58, consta do DO de 5/1/1958 e a denominação de Profa. Maria Ramos é de 1970.

Maria Guadalupe Ramos, nasceu em Portugal em 1866, veio para o Brasil em 1879 ou 1880, morou em São Simão e chegou em São Carlos em 1898, passando grande parte de sua vida na Vila Prado. Professora, passou a ser muito conhecida e procurada por muitos alunos. Reservou o período noturno aos operários. Pelo decreto publicado no DOE de 21/11/1970, assinado pelo Governador Abreu Sodré, seu nome foi dado ao Grupo Escolar do Bairro de Boa Vista, hoje Escola Estadual Profª. Maria Ramos.

Atividades culturais

Culturalmente, a Vila Prado e Bela Vista puderam desfrutar um período muito rico, apesar de apenas três décadas, proporcionando entretenimento aos moradores através de salas de cinema presentes nestes bairros.³³

Tudo começou com o Cine Paratodos inaugurado em 29 de dezembro de 1951, instalado na Rua Bernardino de Campos, 650, quase esquina com a Travessa Quatro (hoje Ananias Evangelista de Toledo) na Vila Prado, e funcionou até 1953, cedendo lugar para o Cine Teatro do SESI.

O Cine Teatro do SESI atuou na área cultural nas atividades teatrais e cinematográficas, na Vila Prado, no período de junho de 1953 até maio de 1958 quando a empresa Cine Teatro Avenida comprou o imóvel, interessada em explorar o cinema no bairro. Durante a presença do SESI na Vila Prado as atividades teatrais foram coordenadas e dirigidas por Francisco Marmorato.

O Cine Joia (Fig. 42) foi inaugurado no dia 1 de agosto de 1959 conforme noticiou o jornal "O Correio de São Carlos" na edição daquele dia³⁴. A empresa que havia comprado o imóvel na Rua Bernardino de Campos negociou a permuta do mesmo com um terreno da prefeitura que ficava na Av. Sallum com a Travessa Quatro, Vila Bela Vista, na diagonal com a praça onde está localizada a paróquia de Santo Antônio de Pádua. O Cine Joia possuía uma moderna aparelhagem e capacidade para 900 pessoas sendo considerado importante como atividade cultural para os moradores. Encerrou suas atividades em dezembro de 1983.



Fig. 42 Cine Joia, 1980. Acervo: Valentin Gueller Neto.

Fazenda Bela Vista e sua porteira

A Fazenda Bela Vista, também conhecida como "Fazenda do Turco"; "Fazenda do Medeiros" ou "Fazendinha", contou com pelo menos quatro proprietários, pelas minhas pesquisas.³⁵

O primeiro nome que aparece na relação de fazendeiros na lista de cobranças de impostos sobre café no período de 1893 a 1908, associado à Fazenda Bella Vista, variando a referência de localização entre: Água Quente, Monjolinho e Botafogo é do Fazendeiro Afonso Botelho de Abreu Sampaio (às vezes aparece Adolpho). Os impostos cobrados eram sobre 190 mil cafeeiros;

A partir de 1909 até 1931 aparece, anualmente, na lista de cobranças de impostos o fazendeiro³⁶ Dr. Caetano Duarte Nunes. Era médico. Aparece também nos almanaques de 1915; 1916-1917 e 1928 e seu endereço na lista telefônica de 1917 consta Fazenda Bela Vista, Botafogo. Em relação aos impostos cobrados, neste caso eram sobre 190 mil cafeeiros em 1910; 168 mil cafeeiros em 1928; 150 mil cafeeiros em 1930 e 1931;

Em 1932, os libaneses Saba e Nicolau Sallum assumem a propriedade e os registros de cobranças de impostos aparecem em nome de ambos sobre 150 mil cafeeiros em 1932 e 1933; em 1934 os registros aparecem em nome de Sallum e Abdelnur sobre 120 mil cafeeiros e em 1935 também em nome de Sallum e Abdelnur o número de cafeeiros cai para 5 mil; o ano de 1935 foi o último ano pesquisado. Em 1939, Saba e Nicolau Sallum foram os responsáveis pelo loteamento do Bairro Bela Vista.

A partir de 1944 o proprietário passa a ser Joaquim da Rocha Medeiros, engenheiro agrônomo, natural da Bahia onde foi Secretário da Agricultura e que passa a dedicar à criação de gado leiteiro e pomicultura.

E a porteira foi mudando de local à medida que a fazenda ia perdendo terreno para os novos loteamentos.

Inicialmente, a porteira da fazenda Bela Vista, segundo meu pai e outras pessoas da época contavam, ficava ali na divisa com a Rua Bernardino de Campos na Rua Dr. Duarte Nunes, que nesta época já recebia esta denominação e estendia da Rua General Osório até a porteira, entrada para a fazenda, mais ou menos onde hoje está localizado o Grupo Escolar Bispo D. Gastão, que inicialmente funcionou na General Osório, em frente ao Bar Navio, como citado anteriormente.

35. Minhas pesquisas foram nos livros de cobrança de impostos sobre o café e impostos sobre indústrias e propriedades da Câmara Municipal. Não consegui informações em outros órgãos da prefeitura por não possuir os números de matrículas e relação com algum dos proprietários. Tentei no cartório de registro de imóveis que seria possível caso eu possuísse também os números de matrículas, mediante taxa de R\$ 73,00 para cada registro, sendo necessário mais dados para filtrar um banco de dados com dezenas de registros relacionados com Fazenda Bella Vista.

36. Fontes: 1 - Fontes Estatístico-Normativas da Propriedade Rural em São Carlos (1873-1940) Oswaldo M. S. Truzzi, EdUFSCar, 2004. 2 - Câmara Municipal de São Carlos do Pinhal, Impostos sobre Café, 1894; 1907 a 1927 e 1928 a 1935.

32. <https://eemariaramos.blogspot.com/p/historico>, consultado em 23 de maio de 2025.

33. Fonte textos: Julio Roberto Osio, As Salas de Cinema de São Carlos; FPMSC, 2024.

34. "O Correio de São Carlos", 1/8/1959 e Kappa Magazine, 25/3/2015.

Com o loteamento do Bairro Bela Vista, a porteira da fazenda foi recuada para a divisa com a Rua Quintino Bocaiúva na mesma Rua Dr. Duarte Nunes, onde hoje está a Rua Benjamin Constant, primeira paralela à Quintino, aí permanecendo até início da década de 1960, quando outra vez foi recuada para dar lugar ao loteamento Boa Vista I, em 1961.

A Fazenda foi perdendo terreno e sua porteira chegou na altura pouco acima de onde está o Parque do Bicão hoje. E o limite passou a ser a represa, onde, através das cercas de arame farpado, meninos e rapazes, na época, invadiam-na para pescar lambaris e/ou nadar nas águas turvas da mesma (Fig. 43). O início da represa (Figs. 44 e 45) era na altura da continuação da Travessa Quatro, exatamente onde estava localizada a bica, que foi represada numa extensão de mais ou menos 400-500 metros, chegando até a entrada da fazenda na altura da Rua Dr. Duarte Nunes e prosseguia do lado direito como um córrego que terminava no bairro Botafogo denominado córrego do Medeiros.

Seguindo pela esquerda, após a represa e acima desta, existia um extenso mangueiral, ou “mangal” como era chamado pelos populares, que se estendia até mais ou menos a altura da Travessa Seis ou Sete, que também costumava ser invadido por populares para furto das mangas. Posteriormente, continuando com o loteamento, em 1963-1965, tiveram origem os Bairros Boa Vista II e III.

Com a evolução do processo de urbanização do território, outros bairros surgiram a partir do final da década de 1970 (Vila Carmem, Jd. Medeiros, Pq. do Bicão). Com este processo desapareceu totalmente a porteira da fazenda, e um muro alto passou a esconder o casarão rosa que conseguíamos avistar lá do alto do bairro Boa Vista com a rua Dr. Duarte Nunes.



Fig. 43 Vista aérea Vila Prado e Bela Vista – represa ao fundo, Déc. 1950. Acervo Valentim Gueller Neto.



Figs. 44 e 45 Vista aérea da fazenda “do Turco”, com represa. Déc. 1950. Acervo Valentim Gueller Neto.

Referências

Câmara Municipal de São Carlos do Pinhal, Impostos sobre Café..., 1894.

Câmara Municipal de São Carlos do Pinhal, Impostos sobre Café..., 1907 a 1927.

LIMA, Renata Priore – O Processo e o (des)controle da Expansão Urbana de São Carlos (1857-1977) São Carlos, 2007.

NEVES, Ari Pinto das – São Carlos na Esteira do Tempo, Ilustrações de Júlio Bruno; EdUFSCar, 2007.

OSIO, Julio Roberto – Práticas Fúnebres em São Carlos; FPMSC, 2019.

OSIO, Julio Roberto – As Salas de Cinema de São Carlos; FPMSC, 2024.

Revista Kappa Magazine, 25/3/2015 – Vila Prado.

TRUZZI, Oswaldo. M. S. – Fontes Estatístico-normativas da Propriedade Rural em São Carlos (1873-1940); EdUFSCar 2004.

TRUZZI, O. M. S, NUNES, P. R.; TILKIAN, R. – Café, Indústria e Conhecimento; São Carlos: Uma História de 150 anos. EdUFSCar/Imprensa Oficial, 2008.

VENTURA, Célia e HARTUNG, Fábio – “Ernesto Pereira Lopes – Um Homem, Três Tempos”, Biografia Editora Sanyo, 1994.

Microfilmes dos periódicos: “O Correio de São Carlos” (1900-1955); Pesquisas do acervo da FPMSC; “A Opinião” (1896-1897); “A Cidade de São Carlos” (1897-1908) e “O São Carlos do Pinhal” de 1896 – pesquisas nos arquivos digitalizados da UEIM-UFSCar.

PARTE 2

Memória e história de vida na VILA PRADO



Textos dos alunos do Grupo de Literatura da UATI/FESC.

O Grupo de Literatura da UATI/FESC foi criado em 2013 para realizar ações culturais no campo literário, seja realizando saraus, exposições ou produção de textos. Em 2025, em parceria com o Instituto Viva Vila Prado, elegeu como tema *O bairro que neste ano completa 132 anos de existência*.

In memorian: Ao mestre Mauro Luís Thobias

Antonio da Silva (professor Toninho)

Desde os meus tempos de estudante, sempre tive uma certa facilidade com a escrita, mas sem dar muita importância, pois, geralmente, valorizamos aquilo que temos dificuldade em obter. Assim, tive a escrita como uma ferramenta necessária do dia a dia de um profissional da docência, que fui durante quase toda minha vida adulta.

Já no último decênio de minha carreira, eis que vem para a escola Jesuíno de Arruda, onde eu trabalhava, como colega, o melhor profissional em língua portuguesa que tive a honra de conhecer e que veio a se tornar um dos meus melhores amigos. Estou escrevendo sobre o Mauro que, em 4 de abril do corrente ano, nos deixou entristecidos com sua partida.

Mas, certamente, haverá uma pergunta sobre a introdução deste texto que homenageia meu amigo: por que tratar da escrita? Há cerca de dez anos, estava eu despreziosamente escrevendo um mimo a uma amiga, quando o Mauro passou os olhos pela tela do computador e, surpreendentemente, disse-me tratar-se de um conto, elogiando minha escrita.

A partir daí, comecei a perceber a escrita com outro olhar, não apenas como uma ferramenta de comunicação do cotidiano, mas como um caminho para a literatura. Hoje, com o incentivo de outros amigos escritores, faço parte da "Academia Literária de São Carlos" e do "Grupo de Literatura da UATI/FESC".

Posso dizer a todo mundo, com o coração transbordando de carinho, que devo isso ao meu mestre, professor Mauro Luis Thobias!

E lá se vão décadas!

Uma vida na Vila Prado

Lourdes Aparecida Scalla

Sempre fui muito emotiva, sobretudo no dia do meu aniversário. Alguns anos passei rindo, em outros, chorando. Mas esta fase passou, uma vez que a vida me tornou uma mulher mais forte.

Minha infância se passou exclusivamente na Vila Prado, sempre na presença de meus pais Lídia Rattis Scalla e José Scalla, e minhas irmãs Ivani Teresinha e Márcia Magali.

Desde criança sou chamada de Lourdinha em minha enorme família, onde meu avô, Luis Rattis, e seu irmão Nicolla Rattis, foram uns dos primeiros moradores da Avenida Sallun, junto com seus mais de trinta netos.

Com meus irmãos e primos brincávamos muito na rua. Vimos passar a rede de água e esgoto na Avenida Sallun e, em 1949, meus pais ajudaram a carregar as pedras para o alicerce da Igreja Santo Antônio. Em novembro daquele ano, nela se casaram. Meu cotidiano foi marcado pela Igreja, tão perto da minha casa. Lá participei das festas juninas, quermesses, missas, catecismo, cruzada, coroação de nossa senhora.

Ainda trago na memória os passeios com a professora Eurildes Dias, no espraçado, no Cedrinho, onde havia uma piscina, e a participação no coral infantojuvenil na casa da professora Eurildes.

Fiz muito jovem a primeira comunhão, uma vez que ia ao catecismo com a minha irmã. Ela fez em maio e eu em dezembro do mesmo ano. Eu já tinha decorado tudo, de tanto frequentar a igreja.

Minha mãe nos matriculou na Escola Estadual Eugênio Franco. Nos quatro primeiros anos passei sempre com a nota 100. No quadro de honra, no qual todo mês se colocava as notas dos três melhores alunos, o meu nome estava presente, pois sempre fui boa aluna.

Nossa formatura aconteceu no antigo Teatro São José, que ficava em frente à igreja São Benedito. Nela, recitei uma poesia e recebi uma medalha. Estávamos na década de 1960, e o presidente era o João Goulart. A educação pública era de excelente qualidade e, para entrar no curso ginásial, era preciso fazer a quinta série ou passar na prova.

Minha preparação foi com o professor Péricles Soares, nas aulas de matemática, e com sua irmã Elisabete Soares, de português. Eu entrei para o ginásio com a nota 80 e fiquei meio aborrecida, apesar de ser uma excelente nota.

Após cursar os 4 anos do ginásio e os 3 do curso normal, tornei-me professora efetiva. Durante 15 anos atuei na Escola Jesuíno de Arruda, mas iniciei minha jornada na Escola Estadual Maria Ramos, como estagiária.

Casei em 1972, com 21 anos e, até 1979, tive 3 lindos e queridos meninos. Mas, em 2007, meu filho primogênito ficou tetraplégico. Começou ali uma luta imensa que me ajudou a ser forte. Foi muito difícil, mas encarei o problema e resolvi fazer o melhor possível pelo Gustavo. Ele ama a vida e se sente amado. E viver na Vila Prado uma vida inteira foi importante para não desanimar e não perder a esperança.

Meu Pai: o que dizer deste lindo dia?

Lourdes Aparecida Scalla

Eu tive um pai presente que me propiciou atenção, carinho, amor e segurança. Ele foi uma pessoa com pouca escolaridade, mas que me ensinou meu nome e números, antes mesmo de eu ir para escola. E como nos tratava, eu, minhas irmãs, Ivani e Márcia, e minha mãe Lidia, com respeito, atenção e dedicação.

No seu aniversário, no Dia dos Pais, no aniversário de nossa mãe, sempre nos levava no Posto Castelo e na Pizzaria Amicci. E aos seus sete netos: o Gustavo, que era o mais velho, o Alessandro, o Gonçalo, o Aloisio, o Danilo, o João Paulo e o Breno, manifestava muito amor e dedicação. Estava sempre com um deles no colo.

Ele me ensinou a dar gorjetas, porque quando trabalhava em São Paulo, conduzindo bondes, todo o seu ordenado era enviado para seus pais, Francisco e Maria, que tinham 10 filhos e ele era o terceiro. Assim, ele sobrevivia com as gorjetas da entrega de carnes, nos feriados e fins de semana, às famílias ricas da capital.

O meu coração fica alegre sempre que me lembro de suas atitudes perante a vida. Lembro-me dele e vem, logo em seguida, um sorriso.

Ele foi ferroviário da Companhia Paulista, junto seus 5 irmãos e o tio Pedro. Ele galgou o cargo maior, como chefe da estação, devido a sua maior escolaridade (curso científico, na época). Ao se aposentar, deu aula de natação no Luizão e no C.P.P.

E quantas viagens fizemos de trem para a Aparecida do Norte. Foram inúmeras vezes, anos seguidos, pela promessa que fez quando minha irmã Márcia adoeceu. O trem seguia as curvas do Rio Paraíba do Sul e outras cidades também.

Infelizmente, ele foi removido para Araraquara onde teve que deixar nossa casa e mudar as filhas de escola. Depois, após um acordo com a Companhia Paulista, foi trabalhar na loja Lídia, junto com minha mãe, até sair sua aposentadoria.

Todos na Vila Prado o conheciam. E quando teve um infarto, ficávamos nos revezando, às vezes à noite e às vezes de dia, junto a ele. Meu pai gostava que eu ficasse no período da noite, porque, creio eu, além de ser a mais apegada a ele, minha irmã era medrosa e isto o preocupava. E a outra irmã morava em outra cidade.

Lembro que no dia 16 de junho de 1993, logo cedo, ofereci-lhe café. Ele não comia nada, e nem bebia.

Ele respondeu "sim" e bebeu. O Dr. João Gilberto Bortolotti, que foi nosso amigo e fez meus três partos, entrou e disse: "Você está percebendo o que está acontecendo?"

Meu tio Pedro chegou e não precisou fazer-lhe companhia. Choramos todos.

No enterro dele, em 1993, meu filho Gustavo disse no cemitério Sto. Antônio de Pádua: "Meu avô não era político, era caridoso, humilde e vejam este cemitério lotado em homenagem ao José Scalla que sem ter lido a bíblia, a seguia pela sua natureza".

Obrigada meu querido Pai!

Vila Prado

Marcos Moreno / Ibitinga

Quem não conhece a Vila Prado
Não sabe o que está perdendo
E se eu fosse" você"
Iria pra lá correndo

Na Vila Prado tem de tudo
De tudo na Vila Prado tem
É quase uma cidade
Não deve nada pra ninguém

Tem a Igreja de Santo Antônio
Local ideal para meditação
E para quem gosta de futebol
Tem o «Estádio do Luisão»

Para os amantes do lazer
Aqueles que procuram diversão
Tempo não podem perder
Basta ir no «Parque do Bicão»

Tem um comércio forte
Que reúne vários segmentos
Rua Larga e Avenida Sallum
Ruas de grande movimento

Muitas empresas espalhadas
A «Electrolux» é uma delas
Que dá vida pra Vila Prado
Deixando-a ainda mais bela

Salve, Salve Vila Prado
Bate forte o meu coração
De São Carlos és o orgulho
Feliz quem pisa nesse chão !

VILA PRADO



O Bairro Bela Vista na Grande Vila Prado... A parte da cidade onde cresci, vivi, procurei conhecer e trago na lembrança!

Maria Lúcia Derisso

Mudei-me para a Vila Bela Vista em 23 de janeiro de 1957, com um ano e nove meses de idade, na última rua do loteamento do bairro com a Travessa Um, na Rua Quintino Bocaiúva, onde meus bisavôs paternos, imigrantes italianos, junto com meus avós e filhos, que no início da década de 1940 saíram das colônias das fazendas de café da região, a saber, Bela Vista e Salto e adquiriram lotes e construíram suas casas, dentre as quais a que resido há 68 anos.

A nossa casa foi construída por um cunhado do meu pai que era construtor, em um terreno comprado do imigrante libanês Saba Sallum e sua esposa Rosa Ferreira Sallum, na Vila Bela Vista, com frente para a rua Quintino Bocaiúva correspondente à parte do lote 299 da quadra 16, medindo 6 metros de frente e 23 metros de frente ao fundo por um mil cruzeiros, registrado em cartório em 16/11/1956.

A partir desta rua seguindo pela Rua Dr. Duarte Nunes, estávamos no limite com a Fazenda Bela Vista, agora do Medeiros – conhecida como “Fazenda do Turco” ou, simplesmente, “Fazendinha”, com sua ampla represa que foi esgotada no início da década de 1970 e atualmente constitui o Parque do Bicão. Era tudo “barba de bode”, onde poucos anos depois surgiu o loteamento Boa Vista.

Na primeira quadra da Rua Quintino, pouco acima da Rua Luiz Gama, numa distância de uns duzentos metros da minha casa, estava localizada a Metalúrgica Cruzeiro, dirigida pelo industrial Orlando Passarelli, que dedicava-se à produção de marretas, cunhas, martelos, talhadeiras, pés-de-cabra etc., segundo referências, desde 1945. Nós a chamávamos de “Marteleta”.

Nesta época, também já existia a Indústria Pereira Lopes (IPL), construída na década de 1940 nas terras da fazenda Bela Vista, próximo ao Seminário Diocesano e sua capela, hoje Santuário São Pio X. Até a década de 1960, a Rua Quintino Bocaiúva tinha uma ligação com o interior da IPL, dando acesso através desta à Av Botafogo, depois José Pereira Lopes. Nesta continuação da Quintino ficavam as residências de alguns diretores da empresa. Eu e meus irmãos passávamos sempre por ali, quando íamos levar o almoço ao meu pai que trabalhava na subestação da Companhia Paulista de Eletricidade, a CPE, que ficava no Jardim Paulista, atrás do Seminário, próximo à chácara do Sr. Coriolano Gibertoni.

São muitas as lembranças dessa época:

- ♦ De uma rua sem esgoto e sem asfalto, de casas com fossas sépticas do início da década de 1960. A partir de 1962 começou a ser instalada a rede de esgoto e a seguir o asfaltamento da minha rua.
- ♦ De uma época de brincadeiras na rua: pular corda; jogar betes; queimada; bolinha de gude; pique-esconde; mãe da rua; rei-rainha... brincadeiras coletivas que envolviam muitos amiguinhos.
- ♦ Das amiguinhas do Grupo Escolar Bispo Dom Gastão; e das amigas adolescentes do curso ginásial e colegial.

- ♦ Das caminhadas diárias até o Jesuíno de Arruda para as aulas e dos sorvetes de esquimó da sorveteria do Sr. Adolfo, na Rua Larga com a Travessa Cinco.
- ♦ De uma infância e adolescência muito pobres, porém de muitas amizades. Meus pais acolhiam nossos amigos.
- ♦ Das idas às quermesses da paróquia Santo Antônio de Pádua e das festas juninas no Colégio Jesuíno de Arruda, no final da década de 1960 e década de 1970.
- ♦ Das matinês do Cine Joia e, depois, das sessões noturnas do mesmo Cine Joia e às vezes do Cine São Carlos e Cine Avenida... um luxo!
- ♦ Do primeiro namorado... e do segundo...
- ♦ Das partidas de futebol aos domingos à tarde no estádio do Luizão, quando íamos, em família, prestigiar o futebol amador. De outros domingos que saíamos para caminhar com meu pai, descendo pela Av. Botafogo e pela estrada que dava acesso à Água Quente, passando pelo “eucaliptal”, que formava uma paisagem linda, até chegar à Água Fria, onde tinha uma prainha de areia à margem do riacho. Às vezes pegávamos outro rumo passando pela chácara do “Mané Jardim” e caminhávamos margeando a linha do trem, bitola estreita, até o curtume do Sr. Júlio Rocha. Outras vezes íamos até a Fazenda Salto (do Alencar e depois do Gabriel Dias), onde meu pai morou quando jovem, após sair da Fazenda Bela Vista.
- ♦ Da Fazenda Bela Vista; da sua porteira que foi mudando de local na Rua Dr. Duarte Nunes à medida que a fazenda ia perdendo terreno para novos loteamentos e da ampla represa que ali existia, até 1970.

São muitas as lembranças e eu, “pouco” saudosista!



Indústria Pereira Lopes, 1950, editado pela autora (MLD), destacando a passagem interna da Rua Quintino Bocaiúva pelas casas dos diretores. Acervo Valentim Gueller Neto.

Uma das peripécias da infância na Represa do “Turco”

Maria Lúcia Derisso

Baseado em uma história real entre três amiguinhos do Grupo Escolar “Bispo Dom Gastão” e moradores do bairro Bela Vista (Grande Vila Prado) numa determinada manhã do ano de 1965:

JLM: — Olá Xará, e aí? Passou o susto de ontem?

JLD: — “O loco” Xará! Nem dormi direito esta noite. Nem estava com vontade de ir para a escola hoje, mas minha mãe não facilita, não. E agora vai marcar cerrado para ver se vou “pirar” das aulas...

JLM: — A minha também. Acho que elas combinaram de fechar o cerco...

JLD: — Que sujeira daquele dedo-duro do N.C., entregar nossos nomes e endereços para o policial que apareceu lá na represa do “Turco” quando estávamos nadando...

JLM: — É! O dono da fazenda chamou a polícia para dar um susto! Conseguimos fugir correndo, mas o policial conseguiu pegar o N.C. quando ele estava chegando em casa... nós já tínhamos conseguido despistar o tal polícia, mas parece que foi o pai do N.C. que ameaçou bater nele caso ele não dissesse o nome dos amiguinhos.

JLD: — Pois é! Meu pai bateria em mim (e bateu) pela desobediência, pela “arte” de ter fugido da escola e ter invadido a fazenda para nadar na represa, mas, jamais, estimularia eu ser dedo-duro! Acredita que, para meu azar, meu pai estava de folga do serviço e atendeu o policial que bateu no portão e mandou ele entrar para me dar um susto? Eu não conseguia falar, só gaguejava, quase mijeí na calça... e depois de uns tabefes do meu pai, levei uma surra da minha mãe!

JLM: — Eu também apanhei da minha e agora estou de castigo... só escola!

JLD: — Mas, foi uma aventura e tanto! Eu adoro nadar!

JLM: — Eu também, mas minha mãe explicou o risco de nadar na represa. Que além de ser propriedade particular que nós invadimos, podemos morrer afogado, pois já morreu muita gente grande lá e nós só temos nove anos.

JLD: — É! À noite meu pai conversou comigo e explicou isto também. Agora vou ficar um tempo de castigo também, mas ele prometeu que vai me matricular na piscina municipal, quando conseguir vaga, já que eu gosto tanto de nadar. Legal né?

JLM: — Muito legal! Vou pedir para meu pai deixar eu ir também. Aí podemos ir juntos.

JLD: — Olha o Sr. Irineu no portão do grupo... acho que já vai dar o sinal para fechar o portão. Vamos correr para atravessar a rua.

Nesta época, a represa “do Turco” pertencia à Fazenda do Medeiros (Fazenda Bela Vista), de propriedade do fazendeiro Joaquim da Rocha Medeiros que ficava no final da Rua Dr. Duarte Nunes, popularmente chamada pelos moradores dos bairros Bela Vista, Vila Prado e Botafogo de “Fazendinha” ou Fazenda “do Turco”, referência esta aos seus proprietários anteriores os libaneses Saba e Nicolau Sallum.

Outra lembrança da represa, e esta, muito triste!

Maria Lucia Derisso

Nesta época, ano de 1966, eu frequentava o curso de admissão (5º ano) para ingressar no curso ginásial do Colégio “Jesuino de Arruda”. O turno de aula era das 11h00 às 14h40 e eu chegava em casa por volta das 15h00, após uma caminhada de 20 minutos. Naquela tarde do dia 27 de abril de 1966, ao chegar em casa, não havia ninguém, o que não era comum. Algumas pessoas da vizinhança na rua avisaram que minha mãe havia descido até a represa do turco, pois uma pessoa havia morrido afogada. Lembro que fiquei desesperada, pois meu irmão mais novo gostava de ir nadar na represa.

Naquele dia, logo após o almoço, o vizinho de uns 16 anos pediu para minha mãe deixá-lo levar meu irmão que tinha 9 anos para ir pescar com ele e um outro amigo de 18 anos, uma vez que estavam de folga do serviço, prometendo cuidar dele e não deixá-lo entrar na água. Minha mãe deixou, destacando que após a peripécia de meses antes, J. L. D. estava proibido de nadar na represa.

Quando minha mãe soube algumas horas depois que alguém havia morrido afogado, desceu aflita, acreditando tratar-se de meu irmão. Encontrou-o com o vizinho, assustadíssimos na margem da represa, e meu irmão segurando as roupas do rapaz de dezoito anos que havia decidido atravessar a represa a nado para pescarem do outro lado, enquanto meu irmão e o vizinho contornariam a represa caminhando. O rapaz, segundo informações, sabia nadar e deve ter sofrido uma câimbra, ou mesmo uma possível congestão, e afundou no meio da represa.

O rapaz, C.A.R., com dezoito anos, nascido em 1947 e falecido no dia 27/4/1966, residia na Vila Prado na Travessa Oito (Rua Itália), trabalhava e estava fazendo o Tiro de Guerra. Foi retirado das águas da represa no final daquela tarde pelo socorrista José Arouca, e foi um dos primeiros corpos a ser sepultado no Cemitério Santo Antônio de Pádua, inaugurado há pouco menos de dois anos, no dia 3 de outubro de 1964.

A represa compreendia uma extensão aproximada de uns 500 metros por 300 metros de largura. Partindo da porteira de entrada para a fazenda na Rua Dr. Duarte Nunes para a esquerda, chegava até a altura da Travessa Quatro onde havia a bica, uma plantação de taboas e, acima desta região, ainda como parte da fazenda, um extenso mangueiral, onde era comum a criançada e rapaziada furtarem mangas. Era frequente o empregado da fazenda responsável por cuidar do “mangal” dar tiros de espingarda para o alto para espantar os ladrões.

A represa foi esgotada em 1970-71, permanecendo a bica no final da Travessa Quatro, que formava um pequeno córrego, conhecido como córrego do Medeiros, que se estendia até a altura da Rua Dr. Duarte Nunes e prosseguia até a região do bairro Botafogo, na Av. José Pereira Lopes. Do outro lado da avenida dava origem ao córrego do Bernardino, onde a “molecada” costumava “bater peneira”, levando para casa os “guarus” (ou girinos) para tentar criar em latões ou banheiras.

Após anos de abandono, em 1982 a região foi reurbanizada constituindo o Parque do Bicão. E as terras da fazenda deram origem aos bairros Vila Carmem e Jd. Medeiros.

Habitat

Paulo Sérgio Nanni

Habito onde o vento curva a vida,
onde o tempo inconstante é
pensamento.
Onde, em meu peito, vicejam
orquídeas a prenderem suas ramas no
vento.

Jazo onde o frio anda nas almas,
onde do topo alvejo bela vista.
Donde despejo seiva em raiva e calma,
onde seixos rolados cheiram a mirta.

Vivo onde os olhos bebem o poente,
onde a aurora doura minha espera.
Aqui inda lavro a terra dormente
onde florescem minhas quimeras.

Jazo onde sopra um vento antigo,
que desenha-te no pó do chão.
Vivo onde o alento que preciso
é um sopro de vida... na ilusão.

Vila Prado

Paulo Sérgio Nanni

Quando um tempo num templo
pede espaço para contemplar,
eu relembro com sentimentos a
cidade onde nasceu meu lar.

Ali quanto tempo contemplo.
Velhas lembranças tombadas.
Velhos casarões são templos,
Casas dos corações na estrada.

Onde eu nasci foi Bela Vista,
um sorriso na Vila Prado.
Da Capital do Clima que dita
o frio de não ser amado.

Nicola & Muletas

Paulo Sérgio Nanni

Gepeto era um carpinteiro,
Nicola é um seu descendente
Um, fez o boneco matreiro
O outro fez muletas pra gente.

José também foi carpinteiro,
Seu filho, adotivo ou não,
Tirava muletas do homem
Colocando amor no coração.

Nicola! Faça um novo Pinóquio,
Sem grilos em sua consciência,
Sem drogas, sem tédio ou ópio,
Transforme nossa adolescência.

Nota do editor. Nicola Gonçalves, carpinteiro e cronista, faleceu em agosto de 2024. Foi membro da Academia Literária de São Carlos, sendo autor de 10 livros, publicados com recursos próprios e distribuídos gratuitamente.

Vila Prado

Soninha Duarte

Falar da Vila Prado, bairro tradicional de São Carlos, emociona.

Eu nasci em Barretos, com 16 anos me casei e fui morar em São Paulo, capital, onde nasceram meus filhos e netos. Na capital fiz muitas amizades e trabalhei por 25 anos de manicure em um condomínio com dois blocos de 18 andares.

Depois de 25 anos casada, veio o divórcio. Entre tantos acertos e desacertos, casei-me novamente, agora com um homem nascido em São Carlos e que sempre dizia que voltaria para sua cidade natal.

Um dia ele chegou e falou: *Fui transferido para São Carlos, começo a trabalhar em maio e a mudança já está marcada para o dia 30.* Ao ouvir essa frase, senti o mundo desabar. Eu já estava em São Paulo há mais de quarenta anos.

Encaixotei tudo em lágrimas. Não estava preparada para essa mudança e nunca acreditava quando ele dizia que um dia voltaria para São Carlos. O choro era mesmo de soluçar, tive vontade de fugir, pois me sentia perdida e com medo.

Veio a mudança e um filho que, por coincidência, morava em São Carlos, ajudou a encontrar uma casa. Fomos morar na região do Bicão, em uma casa onde havia mais três inquilinos. Para mim era tudo muito estranho e ainda tinha uma cirurgia da vesícula marcada em São Paulo, e precisaria viajar para a capital.

Tudo aconteceu muito rápido. Fiz a cirurgia, fiquei na casa de outro filho que morava em São Paulo, mas a cirurgia teve um problema e eu fiquei com insuficiência respiratória, indo parar na UTI.

Comecei a me despedir de quem eu amava, pois tinha certeza que ia morrer. Mas consegui me recuperar e recebi alta, apesar de, às vezes, pensar se não teria morrido e imaginando que ainda estava viva, como aparece frequentemente em romances espíritas.

Fiquei uma semana em São Paulo me recuperando e voltei para São Carlos sentindo-me uma morta viva, sem amizade com ninguém. Eu sempre fui muito tímida, conversar sempre tinha que partir do outro e isso dificultava ainda mais a minha vida.

Eu ficava só na cama, não tinha ânimo e força pra nada. Tinha medo de comer e morrer, tinha medo de sair na rua, tinha medo de dormir.

Com frequência ia para o Pronto Socorro, com fortes dores no peito. Sempre imaginava o pior, achando que estava tendo um infarto. Passava a noite sentada na cama imaginando que se eu deitasse, morreria. Era uma sensação horrível.

Cheguei a pedir a Deus para dormir e não acordar mais, uma vez que não tinha coragem de me matar. A saudade do neto que sempre ficava comigo em casa, das minhas clientes era constante.

Um dia, porém, marquei consulta com um cardiologista que, por Deus, e minha sorte, era Psiquiatra e me passou um remédio para tomar durante quinze dias. Eu estava com depressão.

Felizmente, um ano depois da nossa mudança, conseguimos comprar uma casa na Vila Prado. No bairro, fui fazendo novas amizades, participando de reuniões, de cursos, oficinas, e conhecendo muita gente que morava na Vila Prado.

Aquele remédio salvou a minha vida. Gradativamente, fui sendo procurada para fazer unha e, aos poucos, minhas clientes foram aumentando. Hoje todas são também minhas amigas.

Minha confiança foi voltando, voltei a sorrir, passei a sentir vontade de sair para atender minhas clientes, fiz um curso de teatro e hoje frequento também a FESC da Vila Prado. No grupo de literatura conheci pessoas boas, ativas e atenciosas, e hoje posso dizer que amo São Carlos e, sobretudo, a Vila Prado, bairro de onde não pretendo me mudar.

Quando viajo para outro local, fico contando os dias para voltar!

Obrigada São Carlos,

Obrigada Vila Prado!

Depois Daquela Noite

Vanilda Gomes

Houve uma noite em que tudo mudou. Não sei dizer com exatidão o que aconteceu, mas quando acordei, já não era mais a mesma. A menina que adormecera tranquilamente nos braços da mulher amada ficou lá, em algum lugar do passado. Algo dentro de mim despertou com uma força que nunca tinha sentido antes – um turbilhão de emoções, um vulcão silencioso. Desde então, passei a carregar um peso estranho, uma mistura de saudade, dor e aprendizado. Comecei a ver o mundo com olhos mais atentos, como quem procura sinais de onde vieram os primeiros sonhos.

A lembrança me leva à Vila Prado. Era só uma vila, mas cresceu como eu. A linha de trem cortava o chão, mas não a esperança. Ali, cada dormente fincado no solo parecia gritar histórias de suor, lutas, dias quentes e noites frias. E ali também nasceram avenidas largas, ruas estreitas e as travessas que formaram um novo mundo. Um bairro que, como eu, aprendeu a resistir. Entre uma ameixa colhida no caminho e uma lembrança da infância distante, fui percebendo que minhas raízes estavam se firmando aqui. Não foi fácil. Tive de acordar daquela noite, me despir das ilusões e aceitar que o retorno ao ventre já não era possível. Cresceu em mim a mulher. E com ela, o medo, o grito, a dor – mas também a força.

Meu coração, coitado, apanhou um bocado. Trancou-se. Fechou janelas. Escondeu segredos. Mas, aos poucos, fui chegando de mansinho. Usei uma música suave, respirei fundo e pedi licença. Entrei! Lá dentro, encontrei um universo inteiro. Tantos sonhos guardados, tantas lágrimas retidas, tanto amor esperando para se expandir. Foi ali, nesse encontro comigo mesma, que entendi: é preciso abrir as janelas da alma de vez em quando. Deixar o sol entrar, liberar o que sufoca. Soltar o que não serve mais.

É necessário ouvir o silêncio, porque é dele que vêm as respostas mais sinceras. A vida grita, chama, implora que a gente vá, que a gente se permita. E é preciso coragem para atender a esse chamado. Mas também é libertador. Desde aquele dia, não pude mais voltar. E não quero.

Aprendi que viver é seguir em frente, florescer onde a alma encontra espaço. E nesse espaço que me acolheu, entre memórias e sonhos, eu finalmente comecei a florir.

A Vila Que Me Recebeu

Vanilda Gomes

Cheguei sem entender. Era como se meus pés tivessem sido trazidos por um vento mais forte que eu. A Vila Prado não era minha terra natal, mas foi aqui que meus passos encontraram chão, e minha alma encontrou abrigo. No começo, tudo parecia estranho – as esquinas, os muros, os nomes das ruas. Mas havia uma espécie de silêncio terno naquele lugar, como se ele também carregasse suas próprias dores e esperasse, paciente, que eu me revelasse. Logo descobri que ali as histórias não moravam só nas casas; moravam nas árvores, nos trilhos, nos rostos cansados e nos olhos esperançosos.

Era um lugar tecido por gente que, mesmo sofrendo, continuava plantando, sonhando, reconstruindo. A estrada de ferro ainda cortava a vila como uma cicatriz antiga. Cada dormente era um registro da luta de quem suou para erguer um bairro onde antes só havia terra batida e promessa. Aquela linha não era limite – era ponte. Dividia tempos, mas também unia destinos. E foi pelas avenidas Teixeira de Barros e Sallum, largas e cheias de travessas numeradas, que eu comecei a me perder e me encontrar. Cada rua me dizia algo. Às vezes, eu parava só para colher uma acerola. Noutras, apenas para respirar o vento da tarde e lembrar que ainda era possível sentir.

Foi aqui, longe de onde nasci, que compreendi o que é renascer. A Vila me ensinou a beleza da simplicidade. Mostrou que há grandeza em construir aos poucos, tijolo por tijolo, sonho por sonho. Mostrou que os muros podem proteger, mas também esconder. E eu escolhi abrir janelas.

Conheci gente. Gente importante – mais importante do que eu podia imaginar. Gente que não aparece nos jornais, mas que carrega no olhar uma coragem que só quem já perdeu sabe ter. Gente que me fez lembrar que não se vive sozinho. Que viver é troca. É comunhão. Aos poucos, aquela terra que parecia não minha, se tornou solo fértil. Nela finquei raízes. Nela plantei lembranças. Nela me refiz.

Hoje, quando caminho pelas ruas da Vila Prado, não vejo só casas e calçadas. Vejo a mim mesma. Em cada esquina, uma memória. Em cada praça, uma história. Em cada detalhe, a prova de que mesmo as chegadas inesperadas podem se transformar em lar. A Vila me recebeu quando eu ainda estava fechada. E foi abrindo meu coração devagar, como quem sabe que o tempo cura, que a dor ensina, e que a vida – ah, a vida! – sempre encontra um jeito de florescer.

PARTE 3

Concurso Literário 60+

Experiência de vida na

VILA PRADO



O terceiro concurso literário 60+, organizado pelo Grupo de Literatura da UATI/FESC teve o tema **Experiência de vida na Vila Prado**.

Nesta parte do livro estão os textos selecionados para serem publicados. Os contemplados foram: Antonio Carlos Ratto (Baiaco), Dirceu Valentim Garbuglio, Gelba Madureira, Gema Galgani Quizotti Novaes, Helena Dias do Pinho da Silva, Hélio Bichara, Luis Antonio Gonçalves, Márcia Magali Scalla Olini, Marco Antonio Leite Brandão, Maria das Graças Volpe Nunes, Sérgio Barroso e Vera Lucia Barrionovo Méo.

Adoro olhar pelo retrovisor

Antonio Carlos Ratto (Baiaco)

Na maioria dos cursos e nas conversas com meus pares sempre ouço que devemos olhar para o futuro e esquecer o passado. Os instrutores, professores, acadêmicos até mencionam dezenas de frases a respeito, tais como:

- Águas passadas não rodam moinho.
- Para ser feliz, precisamos esquecer o passado, viver o presente, construindo o futuro.
- É impossível andar para frente olhando para trás.

Concordo que o futuro é uma esperança, o presente uma realidade, o passado uma dor, mas a dor de uma saudade, talvez seja por isso, que eu goste do passado, para sentir a dor de uma saudade.

O passado não fica quieto no meu espaço temporal. Eu nunca coloquei uma pedra em cima do meu passado. Quando passo uma porta, deixo a anterior aberta, e é por aí que o passado reentra na minha vida e fica no meu caminho.

Por quê vou querer esquecer eventos que foram tão bons, saudáveis, ingênuos e que me servem de combustível para os dias atuais ?

Não vale a pena esquecer o passado: ele faz de nós aquilo que somos hoje, é a nossa base. Eu não tenho vergonha do meu passado, mas sim orgulho!

Talvez as pessoas não gostem do passado porque não viveram o passado, foi uma vida sem graça, os pais não serviram de exemplos, os amigos eram chatos, os parentes eram mesquinhos, não existia carinho, não existia ingenuidade, não brincava.

Como posso esquecer o passado com aquela riqueza, não de dinheiro, mas sim de alegria, sim de muita alegria:

- ♦ andar descalço (1º tênis, eu tinha 7 anos e era um Conga)
- ♦ a Av. Sallun, não tinha asfalto, não tinha água, nem esgoto.
- ♦ em frente a minha casa tinha um campinho de futebol, de terra batida, onde todos os dias jogávamos bola, com tucano, berto (meu primo, que adoro), João de Deus, Piauí, Zé João, Jorge (meu primo, que tenho muita saudade), Zé Paulo, Joãozinho (filho do barbeiro), polaco, Rossi, Adalberto, e outros.

Piauí e Rossi moravam na Av. Sallun, entre as Travessas Sete e Oito, em frente a casa do Miano, parente de minha querida tia Ilda, que tinha um caminho que era o tempo todo guardado pelo Mané, irmão de Tonha. Ai daquele que punha a mão no caminho do Miano. O mané ficava irratadíssimo e ameaçava atirar pedras.

Joãozinho, filho do barbeiro, morava no beco, ao lado cancha de Bocha, cujo dono era meu avô Luís. Meu avô era pavio-curto, ficava irritado e falava toda hora “porca madonna”. Meu avô foi um exemplo, de trabalho, de honestidade, ensinou direitinho seus filhos (João, Miguel, Pedro, Lídia, Linda, Nico e Dorval). João era muitíssimo inteligente, se tivesse estudado, com certeza, seria um cirurgião referência, torcedor do Palmeiras e apaixonado pelo Estrela de Bela Vista.

São Carlos tinha 60 mil habitantes e possuía ótimas atrações: Cine São Carlos, Cine Avenida e Cine Joia, nosso cinema, que aos sábados e domingos chegava a fazer enormes filas para ver Mazzaropi, O Gordo e o Magro, Os Três Patetas, seriado do Cobra, Tarzan. O Cine Jóia tinha 800 lugares e lotava para ver os filmes românticos (O vento levou, La violeteira, Marissol) em branco e preto. O porteiro era seu Luís, e os lanterninhas eram Mingo e Boizinho que clareava e pedia para se comportar os namorados que se beijavam durante a projeção da película. Antes de começar o filme passava “trailer” e em seguida vinha uma águia da Condor e a plateia fazia chiiiiiiiiiii para espantar a águia. Em frente ao Cine Joia tinha o Bar do Cidó, onde se comprava bala Chita e trocava gibis. Aos domingos tinha “matinée”, apesar de se chamar matinée, que significa de manhã, as projeções eram no período da tarde.

O pároco, responsável pela Igreja São Antonio, era o padre Pera, que fazia quermesse nos sábados e domingos, onde eram vendidos deliciosos pastéis de carne, feitos pelas beatas. Havia leilão de prendas doadas pelos moradores da Vila Prado e Bela Vista.

Na rua Larga, próximo do Jesuíno de Arruda, sempre havia parques de diversões, onde os rapazes, com uma pequena taxa, ofereciam músicas românticas para as garotas e era anunciado nos alto-falantes do parque. As músicas eram da Jovem Guarda, ingênuas, simples, românticas. Graças a Deus naquele tempo não tinha Funk.

Aos domingos, o programa era jogar para o Estrela, camisa verde, calção branco, chuteira viola ou gaeta e o escudo uma estrela branca solitária, talvez seja por isso que eu torço para o Botafogo do Rio, que também possui uma estrela solitária como emblema. O time tinha como patrono meu tio João, que estampava sorrisos intermináveis quando seu time ganhava, havia muitos torcedores, mas jamais esquecerei o saudoso Colão, que desmaiava de alegria quando o Estrela fazia um gol e desmaiava de tristeza quando tomava um gol. Havia a ala feminina, fanáticas torcedoras do Estrela, como Heleninha, Nilva, Jane (filha do meu tio Pedro), Lurdinha, Ivani e Márcia, filhas de meus queridos tios Lídia e Zé Scalli), Suzi e Sandra, filhas de meu padrinho Carlito e minha tia Linda.

Os jogadores que passaram pelo Estrela foram muitos, desde o campeonato varzeano até o profissional, não poderia deixar de citar: Baiano (irmão da Irani, mulher do Nico), Guilherme da Fazenda Canchin, Carlão, Perereca, Abarca, Pitui, Peta, Cardosinho, Cabral, João cadela, Duraci, mão de onça, Décio Costa (carroceiro), Zequinha, Binho (meu primo, meu vereador de São Carlos), Medeiros, Landinho (marido de minha prima Nilva), Jairzão, João rainha, Esquerdinha, Berto (meu primo), Odair, Careca, Landão, etc, etc, etc.

Após o jogo, íamos tomar uma cerveja, ou refrigerante no Bar do Osmar. Meu Deus, quanta saudade do Osmar, com seu jeito simples, mas muitíssimo inteligente, astuto, sempre alerta, com um senso de humor incomensurável. As vezes, chegava à casa da minha mãe e Osmar que tinha uma amizade muito grande com meu pai, dizia, o que tem de almoço, sem aguardar a resposta, já ia fazendo o seu prato, com toda a sua maneira de ser. Graças a Deus, tive um excelente amigo chamado Osmar Camargo, frequentei não somente o Bar na av. sallun, mas também o bar próximo do Jesuíno de Arruda, anexo a revendedora de Carro.

Como posso esquecer, Vitório, sapateiro, onde trabalhava o Nicola. Como posso esquecer o bauru do Bar Pistelli, do guaraná São Carlos, ou até mesmo o guaraná Centenário da família Ratti, da mortadela do Belline, do leite São Carlos, que era vendido em litro de vidro. Como posso esquecer, dos pães de madrugada, na padaria Santo Antônio na rua Larga. Como posso esquecer o pirulito do Garbulho da Travessa Seis. Como posso esquecer-me do bonde que ia da estação ferroviária até o balão do bonde na Vila Nery. Como posso esquecer-me do trem que levava passageiros até São Paulo, com seu barulhinho gostoso, e o vendedor dizendo, coxinhas, revista O Cruzeiro, literatura de cordel, e parando nas estações de Conde, Visconde, Itirapina, etc. Como posso esquecer-me do Grupo Escolar Eugênio Franco, dom Gastão, Diocesano, Jesuíno de Arruda, Instituto de Educação Álvaro Guião, Colégio São Carlos das irmãs. Como posso esquecer as aulas na USP. Como posso esquecer-me do café Dona Júlia no centro. Como posso esquecer-me do Benvindo, da Catarina Bum, do Dick Farney, do Tibiriça, do Rincão violão, do Lambada, do João Babão que ficava na porta do mercado municipal. Como posso esquecer-me da Associação dos Alfaiates, do Ítalo Brasileiro, do Flor de Maio, da Terezona.

Quando estudei no Diocesano, não tinha o prédio da frente, estava em construção, as aulas eram no prédio velho, o piso era de tábua e todos os professores eram irmãos lassalistas e usavam batinas pretas, com exceção de dois professores: Décio Botura e Zé do Prado. Tinha aula de Francês e era obrigado ir à capela todos os dias. Devido La Salle ser francês, tínhamos que rezar todo dia, antes do início da aula, Ave Maria em francês. Foram tantas as rezas que não esqueci até hoje.

Naquele tempo não existia droga, nem se falava nisso, a criançada queria praticar esporte, jogar bola, nadar na Lagoa do Turco, subir nas mangueiras do manguezal, que hoje é a redenção, nadar na Água Fria, pescar lambari no Broa (hoje, não existe mais lambari).

Como eu posso esquecer meu passado se eu nunca apanhei dos meus pais, sempre recebi carinho deles e de meus irmãos. Como posso esquecer os passeios na garupa da Vespa com meu pai, do frango com polenta e das piadas de minha mãe.

Vou continuar olhando pelo retrovisor.

Vila Prado

Dirceu Valentim Garbuglio

Começo a minha história falando do ícone da Vila Prado: a Paróquia de Santo Antonio de Pádua e o Cônego Pêra. A Avenida Dr. Teixeira de Barros, a famosa Rua Larga que tinha suas curiosidades, o bar do Lalau, que ficava ali na Travessa Onze, onde em frente ao bar, tinha árvores e tinha um bicho-preguiça que era atração. Na Travessa Sete tinha a cancha de bocha e na Rua Ana Prado também tinha uma cancha de bocha que, com muito orgulho, digo que era do meu pai Agostinho Garbuglio. Na Travessa Doze tem o Colégio Jesuíno de Arruda, onde todos queriam estudar. E por falar em colégio, temos o Dom Gastão e o mais famoso de todos eles: o Colégio Diocesano.

Na Rua Bernardino de Campos tinha a farmácia do Sr. Orlando, que era considerado farmacêutico/médico. Na Rua Gastão de Sá tínhamos a indústria Pereira Lopes, que hoje é a Electrolux, que fabrica eletrodomésticos. Já na Avenida Sallum, em frente à Igreja, tinha a sapataria do Vitorio e ao lado tinha a farmácia do Sr. Rafael, que também era considerado médico.

Na Rua Larga também tinha o bar do Tupã, e na Rua Ana Prado, esquina com a Travessa Nove, tinha a oficina de bicicleta do Irineu Rios. Na avenida Sallum tinha o Cine Jóia. Na rua Ana Prado temos a indústria Colméia que fabrica correntes até hoje. Perto dali, a fábrica de bolas de futebol, da marca Schutzer.

Por falar em Futebol, tínhamos vários campinhos para jogar bola à beira da linha do trem. Na avenida Sallum tinha o bar do Cido e na Rua Larga, esquina com a Travessa Seis, tinha a mercearia Barros. Na Avenida Sallum, esquina da Travessa Oito, morava o senhor que tinha uma carroça adaptada com uma cobertura de lona que entregava pães nas casas. Também na Travessa Oito tinha o Barbeiro Lau e, ao lado, a loja da Nita. Na avenida Sallum tinha a lojinha do Nelson e na Rua Bernardino tem a loja do Vadinho, que está aberto até hoje, gerenciada por suas filhas.

Tínhamos também a escolinha de futebol do I.P.L., onde dali saíam alguns jogadores para clubes do Brasil. Tinha também a sorveteria do Picaletto. Na Travessa Três tinha o Bar do Jota próximo a escola Senai e também o bar do Picharilo e o bar do Osmar. Tínhamos na cidade 2 times de futebol: o Estrela F. C. e o Grêmio Esportivo São Carlense, que mandava seus jogos no Luisão.

Por falar nisso, tinha a piscina ao lado do estádio, onde a população usava com frequência.

Tenho a lembrança do Tarzan, que era a atração fazendo seu malabarismo na piscina. Não posso me esquecer da Serraria do Bonde, do senhor Nicola, que recentemente nos deixou e foi morar com Deus. A grande maioria das crianças da Vila Prado começou seus estudos no parquinho do bairro, ao lado da igreja e na creche, que até hoje é mantida pela igreja e seus paroquianos.

Nota: perceberam que escrevi das ruas e algumas vezes me referi como travessas, ex.: Travessa Zero até Doze. Hoje alguns usam o nome das ruas e muitos preferem falar em travessas.

No portão do estádio, nos dias de jogos, tínhamos 2 senhores com cestas de bambu que vendiam amendoim em casca, embrulhado em um canudo feito com folha de jornal. Como me esquecer do bar do Nauto, que era muito próximo ao seminário. Na Rua Larga tinha um grande terreno que era usado para receber circo e parque de diversão. Em frente à paróquia tem uma grande praça que tinha uma fonte toda iluminada e também a sorveteria Nevada. Aos sábados e domingos era o ponto de encontro. Muitos namoros e casamentos começaram ali. Na época, poucas famílias tinham televisão e quem não tinha era convidado a ir até a casa do vizinho que tinha, e era uma grande alegria.

Obra Marcante: construção do viaduto que liga a vila prado ao centro.

Encerro a minha história com a Vila Prado com muito orgulho e com a certeza de que fui muito feliz por viver neste bairro.

O casarão da rua larga

Gelba Madureira

Preâmbulo

O que de nós fica marcado no tempo, o que deixamos gravado nas estruturas, no ambiente das casas em que moramos, em que habitamos enquanto vivemos nesse mundo de meu Deus? Será que nossos pensamentos, sentimentos, dores e alegrias ficam? São absorvidos pelas paredes que, dizem, têm ouvidos? Não posso afirmar, tampouco quero lhe convencer, caro leitor, querida leitora, sobre a permanência de algumas presenças nos lugares por elas habitados por tempos variados.

Apenas desejo partilhar, homenageando o belo bairro de São Carlos, Vila Prado nomeado. Leia e tire suas próprias conclusões sem pressa. Permita-se um novo olhar sobre suas convicções, ou não, mas mantenha em serenidade seu coração. Vamos ao texto...

O Casarão

Era uma simples e inofensiva aula, não me recordo se de Literatura ou Reiki. Eu, já próxima da terceira idade, estava me permitindo frequentar aulas diferentes para que, sim, comprovasse estar na melhor idade. De repente, o professor mostrou uma imagem, uma foto no celular, de um casarão abandonado, situado na Vila Prado, bairro antigo da cidade. Eu não conhecia nem o bairro, menos ainda o casarão, mas algo estranho fez acelerar meu coração. Havia uma mulher em uma das janelas. Olhar entristecido, esquadrinhando o horizonte. Era bela, portava roupas alinhadas que lembravam alguém do século passado. Tomada pelo susto, esperei que a aula acabasse, e pedi para que o professor me mostrasse novamente a imagem. E lá estava ela, naquele casarão abandonado, na janela, como a esperar por alguém. Perturbador, inclusive para minhas percepções e certezas de fé.

O que realmente queria dizer aquilo? Conteí a visão ao professor que pareceu entender mais do que eu o que estava acontecendo. Ao chegar em casa, ainda com aquilo martelando em minha mente, fui procurar, em oração, acalmar meu coração, certa de que aquele incômodo cessaria.

Doce ilusão! As percepções aumentaram intensamente. Mais ideias surgiram, como se ela estivesse contando o que havia acontecido. Alguém por ela amado e que correspondia àquele amor tivera que se ausentar, viajar, no entanto prometera que voltaria, que ela, por ele, esperasse, que não esquecesse da promessa feita de permanecer fiel ao amor dos dois. Ele afirmou que voltaria para que, então, fossem felizes juntos.

O tempo passou e o tão sonhado dia da volta do amado não aconteceu. Ela, vencida pelo tempo e solidão, acabou falecendo.

O casarão foi parar em mãos de outros donos e agora sofria a depredação e o abandono. Então, se essa era a realidade, por que eu via aquela mulher ali, como se congelada estivesse no tempo e no espaço, em uma espera sem fim? Eu rezava, tentando entender.

O professor, um sujeito com uma visão espiritual diversa da minha, ao ouvir meu relato na aula seguinte, resolveu fazer algo para liberar e libertar aquela mulher que continuava esperando por alguém que não voltaria, de forma que ela entendesse que ela também não pertencia mais ao lugar e ao tempo em que vivíamos. Deveria perdoar, desapegar-se da promessa e seguir.

E assim foi feito, em lugar tranquilo, com muito respeito por aquela pessoa, aquela história. O sofrimento que ela apresentava marcado na face foi cedendo lugar a serenidade, ao entendimento do que acontecera e ao perdão. A mágoa gerada pelos sentimentos de rejeição e abandono foram se dissipando. Ela, devota de Nossa Senhora do Pilar, foi descendo as escadas da casa, que ela via como era anteriormente, dirigindo seus pensamentos para aquela que havia sido seu socorro durante todo o tempo da longa espera, infrutífera espera.

Ao acessar o lado de fora do casarão, já na calçada, dirigiu seu olhar pela última vez para a janela que testemunhara toda sua dor, agonia e sofrimento, desaparecendo como por encanto. O casarão perdia sua bela moradora, que tanto havia amado e que se mantivera fiel, além do tempo e do espaço, mesmo sem a volta do amado.

Depois de tudo isso, algumas certezas que eu tinha estão passando por questionamentos e remodelação, tentando ampliar minha visão, expandir meu pensar. Outro legado que a bela mulher do casarão abandonado da Vila Prado me deixou foi o entendimento que, de um jeito ou de outro, somos ligados e que torna-se muito importante, essencial mesmo, resolvermos nossas dores, dilemas e apegos enquanto cá estamos, para que não fiquemos congelados, parados em realidades que já mudaram, que não nos pertencem mais. Que nossa bagagem não nos impeça de seguir para a luz. Que a vida nos seja leve!

“Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe a nossa vã filosofia”
(William Shakespeare, trecho da peça Hamlet)

Convocando

Pega a visão, pega a visão
Patrimônio valioso
Destruído, abandonado
É cabuloso, sem noção.
Pega o rumo, toma prumo
Abra o olho, cai da boca
Se liga, gente boa, não dorme de touca
Levanta, pessoa, levanta.
Na rua larga, de nome pomposo
Tem um casarão virando destroços
Com ele a imagem, a face de um povo
Desmanchando, caindo no fosso.
Bota a boca no trombone, chama os ricos, chama os “home”
Junta gente da bufunfa, da cultura, do legado
“Simbora” defender o patrimônio histórico da Vila Prado!

Adeus

Do teu peito sufocado
Por tantos e tantos sonhos perdidos
Um olhar angustiado, triste, sofrido
Daquela janela do casarão abandonado
No horizonte foi lançado
As pessoas que partiram
As que chegaram depois
Jamais poderiam supor
As promessas daqueles dois
Que pelas circunstâncias
Separados foram
A bela da janela
De tristeza definhara
Mas sua presença, sua essência na casa se gravara
Partiu ao encarar, ao aceitar, ao compreender
Segurando as mãos da mãe,
Nossa Senhora do Pilar
Encontrou seu caminho de paz
Seguiu pela luz, já não sofre mais...

Era uma vez ...

Gema Galgani Quizotti Novaes

Uma menina com 8 anos de idade, que veio morar justamente com seus pais na Vila Prado, hoje está com 91 anos e leva o conhecimento do tempo que lá morou. As ruas da Vila Prado tinham suas identificações com nomes de pessoas ilustres da cidade de São Carlos, mas eram conhecidas por travessas como: Travessa Um, Travessa Dois e assim por diante até a Travessa Doze.

Vários episódios foram marcantes na vida dessa menina. Os mais importantes foram:

- ♦ inauguração da Igreja Matriz de Santo Antônio
- ♦ construção do Viaduto Quatro de Novembro.

Para a construção da Matriz foram convocados os pais para buscar pedras em uma Pedreira para ser feito o alicerce. Aos poucos, a construção foi sendo erguida com recursos da comunidade e de eventos, como quermesses, bingos e brincadeiras etc..

A inauguração da Igreja Matriz de Santo Antônio, no dia 6 de Fevereiro de 1949, apesar de estar inacabada, faltando reboco na parte interna e externa, foi importante para acontecer os trabalhos rotineiros: celebrações de missa, batizados, casamentos etc...

Naquele dia houve missa solene com grande festejo, com a população do bairro presente.

Por sua vez, a inauguração do Viaduto Quatro de Novembro favoreceu toda a comunidade, uma vez que, antes dele, todos tinham que dar uma volta muito grande para chegar ao centro da cidade. A população do bairro se tornou muito grande, principalmente pelos ferroviários da Companhia de Estrada de Ferro que recebiam um empréstimo financeiro para construir suas moradias.

O terreno onde está localizado o viaduto era um pequeno cafezal que começava na rua Ana Prado onde fizeram uma trilha no cafezal para encurtar o caminho entre a Vila Prado e o Centro da cidade. Nesse cafezal havia uma máquina de beneficiamento de café. Quem tomava conta era um senhor chamado "seu Lucatto".

Hoje, em 2025, a Vila Prado se tornou um dos bairros com mais serviços públicos, escolas, lojas, bancos etc.

É visível o progresso na nossa querida Vila Prado.

O Bairro Redenção: o meu céu

Helena Dias do Pinho da Silva

Eu sempre digo: quando saí da Vila Isabel e vim morar na Redenção, eu vim para o céu!

A minha neta Cecília, curiosa desde muito pequena, vive me enchendo de perguntas sobre a minha vida, decorrida nestes últimos 93 anos. Minha vida foi marcada por fases caracterizadas pelos lugares onde morei. Hoje, vou contar um pouquinho para vocês, neste texto, a fase que eu considero o meu céu: minha mudança para a Redenção.

Esse lugar me trouxe segurança, felicidades e, com certeza, me abraçará até meus últimos dias. Eu me chamo Helena Dias do Pinho da Silva e tenho 93 anos. Nasci em 13 de agosto de 1931 e morei em fazendas até os 24 anos.

Quando me casei, em 1955, saí da fazenda para morar na cidade de Descalvado, no distrito de Santa Eudóxia e, por fim, em São Carlos. Nesta cidade, morei primeiro na Rua São Sebastião, depois fui morar na Vila Isabel, próximo à linha do trem. Era uma região feia, sem esgoto, com fossas nos quintais. Nessa época eu já tinha quatro filhos e dava medo das crianças usarem aquela "casinha" como banheiro.

Manoel, meu marido, era encanador e instalou um tambor com um chuveiro frio, adaptado para tomarmos banho.

Foram tempos difíceis.

No ano de 1966, a CECAP (Caixa Estadual de Casas para o Povo) promoveu o loteamento de casas populares que seriam construídas e sorteadas para famílias de trabalhadores de baixa renda, no Bairro Boa Vista. A prioridade seria para famílias com maior número de filhos. Eu já tinha quatro: o Francisco com dez anos, a Maria Helena com seis, a Marilda com quatro e a Regina, ainda bebezinha.

O sindicalista Antônio Cabeça Filho, do sindicato dos metalúrgicos de São Carlos, foi quem promoveu o "movimento" de sorteio das casas. Foi ele quem nos auxiliou no processo de inscrição.

As casas ficaram prontas no início de 1968 e foram sorteadas. Meu marido foi contemplado e eu fui uma das primeiras a ir escolher a casa. Escolhi a de número dezenove. Que felicidade! Vim para o céu! Era um conjunto habitacional com cento e quatro casas, distribuídas em três ruas paralelas e com uma pracinha no meio.

As casas foram numeradas uma a uma, sequencialmente, de 1 a 104. A numeração continua até hoje. Com as casas prontas, o Cabeça Filho marcou uma reunião com as pessoas sorteadas para escolherem o nome que seria dado ao loteamento. As pessoas escolheram REDENÇÃO, que era o nome de uma novela que estava passando na TV Excelsior, na época.

No dia da entrega oficial das casas e inauguração do loteamento, alguns atores da novela estiveram presentes.

Quando eu vim escolher a casa lembro que meu marido orientou para não pegarmos casa de esquina por dois motivos: primeiro, porque teria que pagar muito asfalto e, segundo, porque a esquina era lugar de juntar gente,

de reunir pessoas. Isso poderia acarretar em muito barulho, sobretudo para as crianças...

Não canso de repetir: para mim, mudar da Vila Isabel para a Redenção foi como ir para o céu com as minhas crianças! Eu tinha agora minha casa novinha, só precisei trazer as lâmpadas para colocar. Tudo bem arrumado, tinha banheiro dentro de casa, água encanada, luz, escola perto...

A casa tinha dois dormitórios, banheiro, sala e cozinha. E também um grande quintal! O terreno era grande. Deu para a maioria dos moradores ampliar. Hoje, muitos possuem duas casas, construindo outra no fundo.

Meu marido também construiu uma casa no fundo para meus pais morar. Tem quarto, banheiro, sala e cozinha...

Hoje sou eu quem mora nela, sozinha, e minhas netas moram na casa da frente... tudo independente! Claro que também passei por momentos tristes aqui. Eles fazem parte da vida da gente. Em 1983 perdi meu filho mais velho, o Francisco, aos 26 anos, e dez anos depois, em 1993, fiquei viúva. Foram fases tristes! Mas aqui também nasceu meu quinto filho, o José Luís, no ano de 1971, e meus pais viveram bastante nessa casa, até falecerem: ele em 1973 e ela em 1980.

A rua da nossa casa (Rua Sul, depois Joaquim Rodrigues Siqueira) era a terceira rua paralela à Travessa Sete que vinha lá da Vila Prado e, atravessando a rua, já havia a cerca de arame de um canavial. Vindo pela Travessa Sete, até aqui, era uma boa caminhada. Do lado direito da rua, era cerca de arame farpado que cercava o Mangal da fazenda do Medeiros. As crianças costumavam passar pela cerca para roubar mangas... Lembro que meu filho Francisco um dia chegou aqui todo rasgado por tentar pular a cerca e ficou enroscado nela. Com o loteamento do Bairro Boa Vista, tudo foi ficando mais perto e também vieram as linhas de ônibus.

As minhas crianças estudaram na escolinha que ficava atrás da igreja Santo Antônio, que era de educação infantil, passando depois para o Carmelita, na Av. Sallum, ao lado do Cine Joia. Quando chegou a fase de ir para o grupo escolar, foram estudar no Maria Ramos, bem mais perto de casa, ao lado do Cemitério Santo Antônio de Pádua e do Nosso Lar, no bairro Pacaembu.

Uma coisa boa da época é que ativaram a igreja Nossa Senhora Aparecida. A região cresceu muito, mas nosso pedacinho com as cento e quatro casas mantém até hoje as características originais, com a pracinha e a alameda em frente ao ponto final da linha Redenção. Ainda continuo aqui no céu e aqui ficarei até ir para aquele outro céu, mas eu não tenho pressa... confesso que, agora, aos 93 anos, acho que estou começando a ficar velha, mas ainda dá tempo de fazer muita coisa!

Vila Prado: Capital da Cidade Sorriso

Hélio Bichara (*in memoriam*)

- V** Vibrante comunidade que acolhe a todos
 - I** Inspiração para uma vida mais feliz
 - L** Lugar de encontro para amigos e familiares
 - A** Alegria e hospitalidade em cada esquina
-
- P** Ponto de referência para a cultura e a arte
 - R** Riqueza de experiências e tradições
 - A** Arquitetura moderna e histórica em harmonia
 - D** Diversidade e inovação em cada passo
 - O** Oportunidades e desafios para o futuro
-
- C** Coração da cidade, onde o amor e a alegria reinam
 - A** Amor e respeito por sua comunidade
 - P** Paixão e orgulho por sua história e cultura
 - I** Inovação e tecnologia para um futuro melhor
 - T** Tradição e modernidade em perfeita harmonia
 - A** Arte e criatividade em cada detalhe
 - L** Liderança e visão para um futuro brilhante
-
- D** Desenvolvimento sustentável e responsável
 - A** Ação e compromisso com a comunidade
-
- C** Cidadãos que sorriem e acolhem a todos
 - I** Inspiração para uma vida mais plena
 - D** Diversidade e inclusão em cada esquina
 - A** Alegria e hospitalidade em cada encontro
 - D** Desenvolvimento e progresso para todos
 - E** Educação e cultura para uma sociedade melhor
-
- S** Sorriso e alegria em cada momento
 - O** Oportunidades e desafios para o futuro
 - R** Riqueza de experiências e tradições
 - R** Respeito e amor por sua comunidade
 - I** Inovação e tecnologia para um futuro melhor
 - S** Sorriso e alegria em cada momento
 - O** Oportunidades e desafios para o futuro

Nota do editor. Em 2023, Hélio Bichara foi premiado no I concurso literário 60+. Em 2024 participou das atividades do Grupo de Literatura, mas, em 2025, devido a um problema de saúde, precisou sair. Infelizmente, algumas semanas após nos mandar o seu texto, ele veio a falecer. Com a publicação de seu poema, manifestamos nossos sentimentos aos seus familiares e amigos.

Vila Prado: Memórias de um Bairro Histórico de São Carlos-SP

Luis Antonio Gonçalves (*in memoriam*)

A Vila Prado, um dos bairros mais antigos e tradicionais de São Carlos/SP, sofreu grandes melhorias na década de 50 e 60. Foram tempos de transformação, crescimento e uma efervescência cultural que moldaria para sempre a identidade da região. As ruas, os personagens e os costumes da época permanecem vivos na memória daqueles que tiveram o privilégio de testemunhar essa fase dourada. Entre ruas movimentadas e personagens icônicos, a Vila Prado consolidou-se como um dos locais mais procurados da cidade.

Duas grandes avenidas davam ritmo à vida do bairro: a Rua Larga e a Avenida Sallum. Ambas eram ladeadas por árvores, protegidas na época por gaiolas de madeira e arame farpado, como que guardando a essência bucólica do lugar. As Travessas numeradas de Um a Onze cruzavam essas avenidas, sendo que apenas as ruas Leopoldo Prado e Duarte Nunes possuíam nomes próprios.

A vida social e religiosa girava em torno da Igreja Santo Antônio, onde missas dominicais reuniam famílias inteiras, fortalecendo os laços comunitários. Entre as figuras emblemáticas, destacava-se o Padre Pera, alto, sempre de batina preta e chapéu de aba dura, uma presença tão marcante que os cachorros reagiam quando ele passava em frente das casas. As Filhas de Maria, com seus véus e cordões azuis, ocupavam os primeiros bancos da igreja, trazendo um ar solene às celebrações.

E como esquecer as quermesses? Elas eram o auge do entretenimento local, com seus bingos animados, onde o aroma de frango assado e meia leitoa misturava-se à música ao vivo. O concurso Rainha da Quermesse era um evento aguardado ansiosamente. Com o crescimento de São Carlos, os proprietários do Cine Avenida decidiram construir um novo cinema na esquina da Travessa Quatro com a Avenida Sallum: o Cine Joia. Ele virou um dos grandes pontos de encontro do bairro. Ali, filmes como *Doutor Jivago* emocionavam o público, enquanto *Europa à Noite*, proibido para menores de 21 anos, atiçava a curiosidade dos jovens que tentavam burlar a fiscalização.

A televisão ainda era um artigo de luxo, e para atrair o público, antes das matinês de domingo, o cinema exibia seriados em capítulos, como Zorro e O Cobra. Cada episódio terminava em um momento de suspense, convidando todos a retornarem na semana seguinte.

Personagens pitorescos também deram cor à Vila Prado. O simpático e rigoroso “Seo” Luís, porteiro do Cine Joia, que exigia terno e gravata em algumas sessões; “Seo” Rosinha, com sua inseparável cesta de amendoins torrados; e Dona Rosa das Cabritas, conhecida tanto pelo leite fresco que vendia quanto pelo medo que impunha à criançada com seu gênio forte. Seu jeito simples e sua impaciência com os meninos que mexiam com as cabras renderam-lhe o apelido de “bruxa”, causando medo na molecada sempre que esbravejava pragas.

Outro ponto icônico era o Bar do Cidó, localizado em frente ao Cine Joia. Era frequentado por moradores de todas as idades, servindo como ponto de encontro para debates sobre futebol, política e a famosa combinação de café com pinga. Lá também eram vendidos pacotes de figurinhas de times e de filmes

como Os Dez Mandamentos. Outro lugar muito frequentado era Sorveteria do Waldemar, que ficava na Avenida Sallum, ao lado de uma farmácia.

Uma lembrança curiosa era o mercado de antigamente. Havia um tipo de supermercado, onde hoje funciona a Casa Ferro: era a Cooperativa de Consumo de São Carlos. Havia na época o hábito de se comprar quase tudo dos carroceiros, que atendiam porta a porta. Verduras, leite, pão, carne... e tudo vendido, na maioria das vezes, marcando em cadernetas e cobrado no final de cada mês.

Não dá para esquecer a Padaria Santo Antonio, que ficava na Rua Larga entre as Travessas Três e Quatro, perto do Armazém do Miguel, um lugar onde se vendia um pouco de tudo. A farmácia do Irineu, que estava localizada na Travessa Quatro, quase na esquina da Rua Larga.

O ano de 1962 foi um marco para a infraestrutura do bairro. O asfaltamento das ruas, uma reivindicação antiga dos moradores, trouxe modernidade e valorização à região. Antes, as ruas de terra dificultavam a locomoção nos dias de chuva. O prefeito da época, Antonio Adolpho Lobbe, conseguiu verbas para pavimentar diversas vias. Os moradores lembram-se bem das enormes valetas abertas no centro das ruas, onde a rede de esgoto era instalada manualmente por trabalhadores incansáveis e assistiam ao progresso tomando forma diante de seus olhos.

A linha divisória da Vila Prado do centro da cidade era a linha férrea, da Estrada de Ferro Paulista, que mantinha uma linha de trem de passageiros para as cidades de Araraquara, Matão, Barretos e outra linha que ia para a região de São Jose do Rio Preto, além de um outro ramal que atendia a região de Ribeirão Bonito, ramal este que foi desativado anos depois.

A Vila Prado não era grande. Terminava na Rua Benjamin Constant, onde havia uma porteira demarcando o início da Fazenda do Turco. O progresso foi pedindo passagem e hoje o que era um mar de eucalipto já não existe mais. Do outro lado, subindo a Travessa Sete, havia uma grande plantação de mangueiras, que se estendiam por vários quarteirões e era um ponto de encontro, tanto pela beleza do lugar como para colher a variedade de frutos que ali existiam. O tempo consumiu tudo e no lugar nasceu o bairro Redenção.

A educação tinha papel fundamental na vida do bairro. O Grupo Escolar Dom Gastão e o Ginásio Jesuíno de Arruda formavam gerações de estudantes, que seguiam regras rígidas e respeitavam seus professores. O Colégio Diocesano era sinônimo de ensino de excelência, preparando jovens para um futuro promissor. Em frente ao colégio, ficava o ponto final do bonde, outra marca de uma época inesquecível.

Não dá para esquecer a importância da Indústria Pereira Lopes, uma pioneira na fabricação de geladeiras, sendo uma das maiores empresas brasileiras na época, que gerava centenas de empregos e contribuiu muito para o desenvolvimento do bairro. Havia outras empresas de menor porte, mas todas com sua importância, como a Indústria dos Irmãos Schutzer, que fabricavam tanques para combustível e devido aos seus tamanhos, eram deixados na frente da fábrica, localizada na rua Bernadino de Campos, entre as Travessas Um e Dois. Ali, era um lugar onde os moleques da região, aproveitavam quando ninguém estava vigiando para brincar dentro dos tanques.

Havia também no outro lado do bairro uma grande indústria de tecidos, que muitos moradores chamavam de Tecidão, onde inclusive trabalhei como operador de passadeira com apenas 14 anos e lembro com muito carinho do encarregado geral o Sr. Pedro, que segundo diziam trabalhou naquela empresa desde que era garoto. Como na época o transporte público era praticamente inexistente, o povo utilizava muito a bicicleta e a Oficina do Irineu Rios, na esquina da Travessa Nove com a Rua Ana Prado, era a mais procurada.

Sobre o transporte coletivo, certa ocasião começou a funcionar no bairro um serviço de perua Kombi, a Auto Lotação São Carlos e, posteriormente, uma empresa de ônibus, Irmãos Negri, ganhou a concorrência para atender a cidade em vários bairros. Era um passo largo em direção ao progresso.

No campo esportivo, a Vila Prado tinha um time de expressão na época, o Estrela FC. Administrado pela Família Ratti, sendo a sede na esquina da Avenida Salum com a Travessa Sete, onde havia também um campo de bochas. Outra área de destaque da vila, era o ciclismo, destacando grandes atletas, como Flavio Gonçalves, Heitor Longhim, Osmar Faccin, Sergio Passador, os irmãos Marcasso, entre outros.

Outro lugar que os esportistas frequentavam era o campo do Luisão. Na realidade, na época, era um campo de terra e parte do campo, era um grande barranco, onde os torcedores assistiam aos jogos. Não havia no futebol o mesmo “glamour” dos dias de hoje, tanto que contam que cerca ocasião, mesmo com campo de terra, quem veio jogar em São Carlos foi o time do Corinthians.

A Vila Prado viveu períodos de transformações e memórias inesquecíveis. A fé, o cinema, os personagens icônicos, os pontos de encontro, as mudanças urbanas e a educação formaram um mosaico rico e vibrante, que até hoje ressoa na memória dos antigos moradores. Esse período marcou o bairro como um espaço de identidade e pertencimento, onde cada esquina guarda uma história e cada nome evoca uma lembrança nostálgica.

Era tudo muito simples, mas era um povo feliz. A tarde, as famílias se sentavam nas frentes das casas, interagindo com outras famílias enquanto as crianças brincavam sem medo e sem preocupação. Hoje, a Vila Prado segue seu caminho, mas para quem viveu aqueles anos dourados, cada rua, cada esquina e cada lembrança são pedaços de um passado que jamais será esquecido.

Nota do editor: Ele nos mandou o texto no dia 31/3, às 16h02. Após fazer a inscrição, mandou-me uma mensagem no whatsapp perguntando se o texto tinha chegado. Faleceu naquele mesmo dia, às 19h30. Seu texto exemplifica o ideal do concurso. Com certeza, partiu feliz, sabendo que seu texto seria publicado e imortalizando sua experiência de vida no bairro da Vila Prado.

Dona Lídia, uma mulher à frente do seu tempo

Márcia Magali Scalla Olini

Era final dos anos 50, início dos anos 60, quando Dona Lídia Rattis Scalla e seu marido José Scalla compraram um terreno na Avenida Sallum, entre as Travessas Cinco e Seis.

Iniciava-se um sonho, o maior sonho dessa mulher: abrir uma loja pequena para administrar juntamente com suas três filhas, que, na época, eram muito meninas ainda...

Naquele tempo, moravam na Travessa Sete numa casa construída no início do casamento. Todos os domingos a família ia à missa na Igreja Santo Antônio e passavam em frente ao terreno onde ela dizia: — *Aí será nossa futura casa e teremos uma loja que vocês me ajudarão a administrar para poderem estudar durante o dia, pois poderão fazer um horário conveniente com os horários dos compromissos escolares...*

Em 1961 mudamos para a casa tão sonhada, onde havia também um salão comercial. Por falta de recursos financeiros, a loja não foi aberta de imediato. O salão comercial foi alugado para uma loja de “japonas”, para a famosa Sorveteria do Sr. Valdemar, para um escritório de contabilidade, até que, em 1967, ela abriu uma pequena loja, ocupando a metade do salão, mantendo a outra alugada. Chamava-se, obviamente, Loja Lídia.

Um ano depois, a loja foi ampliada e, de vento em popa, conquistou uma clientela respeitável na Vila Prado. Era uma das três lojas instaladas na Av. Sallum.

Suas três filhas, Ivani, Lourdes e Márcia, nunca deixaram de ajudar. A família trabalhava sempre unida. Era muito bonito de se ver.

Assim, dona Lídia, muito adiante das mulheres de sua época, realizou seu sonho de ter sua própria loja, e melhorou muito a qualidade de vida de sua família e também colaborou para o início da grande região comercial que se tornou a Avenida Sallum.

Dona Lídia era filha do senhor Luis Rattis e de dona Filomena Celenza Rattis, que também foram uns dos primeiros moradores da Vila Prado, na Av. Sallum, onde tiveram seus sete filhos.

Minha mãe foi uma senhora séria, lutadora, empreendedora, ótima mãe e esposa, sensacional filha e irmã e também uma avó maravilhosa de sete meninos: Gustavo, Alessandro, Gonçalo, Aloisio, Danilo, João Paulo e Breno. Ela sempre se doou muito para todos.

Não poderia deixar de reverenciar essa mulher exemplar, que tinha um orgulho de morar e pertencer a Vila Prado, sempre enaltecendo o bairro.

Deixou saudade não somente para sua família, mas também para os vizinhos, fregueses, amigos e todos que tiveram a feliz oportunidade de conhecê-la.

Grande dona Lídia, senhora adiante do seu tempo! Gratidão por tudo!

A Vida na Vila

Maria das Graças Volpe Nunes

A Vila mudou, agigantou-se, efervesceu. Há vinte anos a Vila era vila e tudo corria desacereleradamente.

Não é saudosismo, muita coisa melhorou. Mudou, como tudo muda. A contradição da Vila é que, quanto mais ela cresce em agitação, mais isolados ficamos nós, os moradores, do resto da cidade. Para nada precisamos sair da Vila, e aqui circulamos, e aqui nos encontramos, entre cada vez mais estranhos, nos poucos quarteirões que definem a grande Vila. Rostos familiares, andares conhecidos, conversas repetidas, vamos seguindo com o jeito cada vez mais provinciano de se viver. Há de tudo na grande Vila: lojas de franquia e lojas de preço fixo, serviços essenciais ou não, bancos, farmácias, muitas, igrejas de todos os credos, sacolões, mercados grandes e pequenos, escolas de todo tipo e grau, fábricas que empregam e demitem, as oficinas de fundo de quintal e as modernas, laboratórios, postos de saúde e de gasolina, restaurantes e lanchonetes, padarias, lotéricas para os esperançosos, cartório pra casar, funerárias pra enterrar, e uma subprefeitura que, por ser sub, resolve quase nada, mas está ali para nossos desabafos. E o que aqui não tem pode ser alcançado em poucos minutos.

Mas o que não tem na Vila? Por aqui falta um lugar público de lazer, um parque com um lindo lago e pistas para pedestres e bikes, por exemplo. Mas isso tampouco não existe além da Vila. E o passeio consiste em caminhar percorrendo as avenidas planas, misturados a pseudo-atletas, a obesos determinados.

E o que tem a Vila que não tem além, e que a faz especial? Tem casas antigas, tem linha de trem, tem futebol no Luizão, tem gente antiga, tem cara conhecida, tem gente que morre de repente e gente que não morre nunca. Tem criança jogando futebol com gol feito de chinelos no meio da rua; tem jovem drogado e mocinhas solteiras e grávidas. Tem viúvas, costureiras e sapateiros, cartomantes e benzedeiros, pedreiros e carpinteiros, quem conserta bicicleta e quem vende mel, loja só de ovos, loja que vende de tudo por quase nada, a de presentes e a de embalagens, a pizza frita e o milho verde em todas as versões. Tem o Poupatempo e o banco da praça pra quem tem tempo de sobra.

Tem a Justiça pra investigar e a Polícia pra prender, separadas pela banca de jornal onde se faz jogo do bicho. E tem mais bichos pela rua, com ou sem coleira, ignorando limites e sujando sempre. Tem calçada irregular, buracos nas ruas, sacos de lixo espalhados lembrando o quanto ainda temos que nos civilizar. Tem terreno abandonado, sujeira acumulada nos bueiros, limpeza pública de menos. Tem pamonha, abacaxi e melancia gritados no fim de semana, e todo tipo de conserto feito em Kombi. Tem briga de casal que todo mundo vê, e tem casal que aqui se encontra pra ninguém ver.

A Vila não cresce em tamanho, só em movimento de pessoas e carros. Mas ela se modifica, no visual e no gestual. Casas antigas, prédios e terrenos abandonados vão dando origem a construções mais modernas – mas nem tanto –, afastando seus antigos moradores do coração da Vila. Muita gente vem à Vila para trabalhar ou consumir, e o perfil da Vila vai se modificando, mas só seus moradores se reconhecem. Nomes não são importantes, bons dias e boas tardes determinam quem aqui vive.

Quem é da Vila anda a pé, compra no açougue do Guto, conhece os atendentes das farmácias e dos mercados, vai à igreja de Santo Antônio e sabe onde ficava o cine Joia. Quem é da Vila vê a vida passar no ritmo do trem que atravessa suas veias, o trem que toda a Vila escuta, mas não ouve mais, pois já é parte sua, como se a ela só chegasse e dela jamais partisse.

Rua Larga, Coração Estreito

Maria das Graças Volpe Nunes

Procurar os ipês rosa nesta época do ano pode dar muito prazer. Por onde os olhos mais atentos se viram, lá está um, frondoso e delicado, destacando-se em qualquer cenário da cidade. Estão numa fase em que não apenas enchem a vista de quem contempla sua alta copa, como também de quem apenas caminha pela sua sombra. Com estes, são generosos: esparramam suas flores pelo chão e fica impossível não notar aquele improvável tapete cor de rosa sobre a calçada sem-graça.

Não é outono, então por que aquelas flores caem? E por que não são todas as que caem?

Naquela manhã chuvosa, voltei a pensar nos ipês, e concluí que alguns deles choram suas flores. Aquele tempo chuvoso em pleno domingo de inverno só podia significar tristeza. Éramos os mesmos a caminhar por aquela rua larga, em direção ao seu fim, de onde voltávamos ao mesmo lugar.

Caminhávamos como um ato de rotina, perseverando em busca da boa forma, fugindo do inevitável. Caminhantes desconhecidos, mas familiares. Os rostos eram os mesmos, embora os corpos pudessem variar com o tempo. Aquela senhora fazia parte da Rua Larga, assim mesmo, maiúscula, como era conhecida. Seus passos pequenos, apoiados em uma bengala, se repetiam após cada pausa, apesar das dores. Dizia que o andar era doloroso, mas necessário. O que ela não sabia é que esse andar era parte do cenário daquela rua.

Houve um tempo em que era possível encontrá-la em qualquer parte da larga rua. Mas ultimamente seu caminho se reduzia a uma única quadra, com pausas cada vez maiores. Impossível passar por ela e não parar para um dedo de prosa, ou não lhe retribuir o sorriso e o bom-dia. Ainda que a conversa fosse sobre suas dores ou apenas sobre o clima, seu exemplo era mais do que um estímulo aos caminhantes; era um convite a retornar a vê-la.

Nesse domingo, conforme já anunciava sua ausência nos dias anteriores, aquela quadra era a mais triste de todas. Um lindo tapete de flores sob o ipê rosa foi o presente da Rua Larga à sua mais querida caminhante. Aquelas lágrimas de flores seriam choradas por aqueles que não mais a encontrariam, ainda que não soubessem seu nome, ainda que pensassem que naquele dia o destino não quis que se encontrassem. Aquela rua não mais seria a mesma para os caminhantes.

Aquela ausência estreitaria seus corações.

A rua já não seria larga o bastante para as lágrimas do ipê.

Dois cronistas da “grande Vila Prado”

Marco Antonio Leite Brandão

JOSÉ DO PRADO MARTINS. Conhecido como “Zé do Prado” (?-2021), nasceu em Ibaté, mas logo a família estabeleceu-se na Vila Prado. Formado em Pedagogia (1975) pela FFCL (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras) de S. J. Rio Pardo e Mestre em Educação (1984) pela UFSCar.

Secretário da Educação (1989-1992) de São Carlos. Lecionou em inúmeras escolas e homenageado como Professor Emérito da UNICEP, onde implantou o Curso de Pedagogia. Atuou também na imprensa esportiva de São Carlos.

Em “Um passeio de bonde na metade do século 20” (pp.83-84), publicado no livro “Saudades da nossa cidade” recorda:

Numa belíssima manhã de primavera, no final da década de 50, convidei o Dicão para um passeio de bonde a fim de apreciarmos pontos interessantes da cidade do Conde do Pinhal. Escolhemos a linha Ginásio-Santa Casa, e já no ponto de partida nos deparamos com o imponente castelo do Major José Inácio, o Diocesano. Expliquei ao Dicão que aquele edifício fora recomendado ao arquiteto Ramos de Azevedo por aquele influente político. Utilizou-se na sua construção ardósia importadas da França e porta e janelas de pinho de Riga. Notamos que os belos jardins cediam lugar às fundações do novo e moderno prédio que seria construído para abrigar aquele modelar estabelecimento de ensino, dirigido pelos Irmãos Lassalistas.

Logo adiante, o tradicional Bar Navio recebendo a sua clientela para o aperitivo de almoço, ponto de encontro de amigos para discutir futebol ou política, focalizando as eleições municipais de outubro, concorrendo o Antonio Massei e o Antonio Adolpho Lobbe. Ficamos tão entretidos com o Bar do Navio que a tradicional Serraria Giongo nos passou despercebida.

Quando me dei conta, estávamos defronte à estação da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, exatamente no momento em que chegava trem R, de luxo, para passageiros. Que trem imponente ! Muitos passageiros, vindos das bandas de Araraquara, desembarcaram e desceram apressadamente as escadarias, distribuindo-se pelos bondes e carros de praça. Outros tantos embarcaram no sentido de São Paulo. Simultaneamente, chega a ‘Maria Fumaça’, trazendo muita gente lá dos lados de Novo Horizonte, Itápolis, Borborema, Bariri, Dourado e Ribeirão Bonito. Ao mesmo tempo, o Dicão chamou-me a atenção para o estacionamento de carroças, onde o seu sogro, o Máximo Dorici e o seu compadre, Nho Chico, fazem ponto com suas carroças. Do lado debaixo da praça, na estação rodoviária as jardineiras do Miguel Fucci ou Pedro Conti, trazendo o pessoal da zona rural.

E o bonde segue e, logo na virada da Rua Santa Cruz, notei o intenso movimento de viajantes, que buscavam o Hotel para almoçar. Logo adiante, a criançada do Eugênio Franco, ao término das aulas da manhã, levou-me a recordar o meu tempo de aluno daquela querida casa de ensino, no início dos anos 50. Ao descermos a Bento Carlos, visualizamos a figura inconfundível do prof Antonio Adolpho Lobbe, conversando com seu primo, o dr Mário Maffei, na esquina da Indústria Giometti. Cruzando a Avenida São Carlos, contemplamos o Cine Avenida o que

levou o Dicão a recordar s momentos românticos, que passou namorando durante as sessões daquela casa de espetáculos.

Seguindo pela Bento Carlos, ao atingir a São Joaquim, o bonde fez conversão à esquerda descendo pela referida rua e, logo na primeira esquina encontramos o ICIB – Instituto Cultural Ítalo Brasileiro, clube originado na colônia italiana e que, ao longo dos anos, promoveu intensamente a vida social da cidade. Logo adiante, a Piscina Municipal, construída na década de 40, local de animadas competições e que se tornou palco dos ‘shows’ de saltos ornamentais propiciados pelo querido Marcos Piruleta. Aí, Dicão também lembrou da sua infância, quando ia nadar naquela piscina.

Quando chegamos na rua Major José Inácio, o bonde fez nova conversão à esquerda e após percorrer uma quadra, estávamos diante do majestoso prédio do Grupo Escolar Coronel Paulino Carlos.

Perguntei ao meu companheiro se o valor histórico daquele edifício era do seu conhecimento. Ele respondeu que não. Então expliquei-lhe que aquele edifício que abriga o Paulino Carlos foi projetado e sua construção supervisionada pelo Engenheiro Euclides da Cunha, famoso escritor da obra prima da literatura ‘Os Sertões’, e que residiu em nossa cidade numa casa da rua Alexandrina, vizinha ao Fórum.

Continuamos nosso passeio de bonde pelas ruas Marechal Deodoro e D. Pedro II, passando pela Igreja São Sebastião, onde Dicão frequentava as missas dominicais, quando criança, celebradas pelo padre Faustino. Seguimos pela Rua 28 e, ao passarmos pelo Estádio do Paulista, rememoramos os belos jogos do Clube Atlético Bandeirantes, destacando a recente vitória sobre o Santos F.C. por 3 a 0 com Pelé e companhia (Manga, Zito, Jair, Dorval, Pepe etc), inclusive com um gol olímpico marcado pelo Rui Dinucci. Já em plena avenida Carlos Botelho, notamos que Posto Zootécnico começava a dar lugar aos primeiros e suntuosos prédios da Escola de Engenharia da USP. Finalmente, paramos defronte à Santa Casa onde, coincidentemente, encontramos o José Marrara, enfermeiro e vereador, levando com ele um agradável papo sobre as atividades desenvolvidas pelo hospital.

Terminamos, assim, nosso passeio relembando aspectos interessantes de São Carlos na metade do século XX, através do bonde da linha Ginásio-Santa Casa. Restava-nos retornar pelo e mesmo caminho. Empreenderemos outros passeios, utilizando os meios de transporte urbano de nossa cidade em épocas memoráveis.

NICOLA GONÇALVES. Carpinteiro e prolífico cronista. Cinéfilo e ciclista. Aliás, lembrava-se sempre do filme “Ladrões de Bicicleta” (1948), clássico do neorealismo italiano, direção de Vittorio de Sica (1901-1974). Natural de Colina (SP). Com o encerramento das atividades do sistema de bondes da CPE (Companhia Paulista de Eletricidade) em 1962, Nicola Gonçalves adquiriu um veículo. Inicialmente era o que está atualmente alocado no “Balão do Bonde” (Vila Nery), que acabou por ser cedido por Djalma Kehl (?-?), proprietário da CPE (Companhia Paulista de Eletricidade) ao Rotary Clube. Em seu lugar o cronista obteve o veículo que atualmente ilustra um empreendimento imobiliário em São Carlos. Dos cerca de 4.000 veículos que circularam no Brasil restaram cerca de 80 unidades, raras ainda circulando como atração turística como a do Parque Taquaral (Cam-

pinas) ou em Santos. De qualquer forma há em São Carlos dois raros exemplares “belga-carlopolitanos” – cuja preservação tem a providencial digital de Nicola Gonçalves.

Em “Recordar é viver” (2007), 8º livro do cronista Nicola Gonçalves lê-se:

HISTÓRIA DA SERRARIA DO BONDE. A Serraria do bonde foi inaugurada no ano de 1967 e recebeu esse nome pelo fato de haver na época um bonde desativado em suas imediações, como marco de referência pela sua localização em loteamento longe das casas, cujo terreno era ainda um pasto de fazenda, onde os bois pastavam livremente. Para que os fregueses fossem orientados, o bonde, visto de longe, sinalizava o local onde estava a oficina. Na época não havia luz elétrica no loteamento, motivo pelo qual levou seu proprietário, que era eu mesmo, a comprar os fios de eletricidade necessários à instalação da rede numa extensão de 300 metros e doá-los à Companhia Paulista de Eletricidade, a fim de que a mesma procedesse ao prolongamento dos cabos trifásicos. O mesmo procedimento foi adotado pela Prefeitura de São Carlos para a ligação da água, exigindo a doação de 300 metros de canos para que a água chegasse até a Serraria.

Após essas formalidades, as máquinas foram ligadas e deu-se início ao trabalho da carpintaria, ramo de serviço executado até os dias de hoje, no mesmo barracão, que foi construído de madeira e em regime provisório, mas que ainda está do mesmo jeito de quando foi construído, com algumas tábuas estragadas, um telhado com goteiras, o madeiramento cheio de poeira e, num canto da oficina, o madeiramento cheio de poeira e, num canto da oficina, a primeira serra de fita construída em 1959, que foi confeccionada por mim, numa época de grande entusiasmo e pouco dinheiro. Essa serra de fita é toda executada em madeira, havendo ferragens apenas nos eixos e parafusos. Os volantes são de tábuas sobrepostas e unidas com parafusos de fenda, revestidas com correia de lona e presas aos eixos com arruelas de ferro.

Sua construção foi inteiramente artesanal, no que concerne ao seu projeto, elaborado apenas pela necessidade em produzir essa máquina com muita economia de dinheiro, pois quando comecei a minha vida de marceneiro, no ano de 1959, não tinha recursos monetários para montar uma oficina de marcenaria. Comecei no fundo do quintal de uma residência localizada perto do SENAI, mais tarde mudei-me para onde estou hoje, já faz trinta e seis anos. Além disso, eu trabalhava como carpinteiro, mas posso dizer com orgulho que jamais estive atrelado a um emprego fixo. Sempre fui autônomo e exerci outras atividades, além do trabalho braçal, pois faço aquilo que mais gosto. Já escrevi oito livros, embora modestos, consultado pela maioria dos alunos de São Carlos e também gozo de enorme estima por parte das pessoas necessitadas de muletas, que me procuram diariamente, às quais sirvo em qualquer hora do dia ou da noite, sem nunca cobrar um tostão.

Coma finalização deste livro, que foi escrito em dois meses, completo um ciclo de crônicas referentes ao passado são-carlense e também de outras localidades, faros esses narrados numa linguagem simples e direcionados às classes populares, sem a intenção de querer ensinar literatura erudita a ninguém. Meus escritos são singelos relatos de um passado já distante, mas também procurei rela-

tar temas atuais, a fim de acompanhar a contemporaneidade dos acontecimentos mais importantes da nossa vida. Como diz o título deste trabalho, recordar é viver.

Na Biblioteca da CMSC (Câmara Municipal de São Carlos) o leitor pode conferir: “Narrativas e Crônicas de todos os tempos, sobre vários temas”, “Crônicas da Cidade de São Carlos e outras cidades”, “Lembranças Esparsas”, “Crônicas da cidade de Colina – do tempo passado e do presente”, “O quintal de minha casa – e outras lembranças de minha vida”, “Recordar é viver”. E também “Saudades de Minha Cidade” de José do Prado Martins.

Ambos foram homenageados com o título de Cidadãos São-carlenses.

Vila Prado: um lugar onde as lembranças da infância ainda ecoam forte

Sérgio Barroso

É impossível pensar em São Carlos sem lembrar daqueles dias de pura alegria e aventura vividos na Vila Prado. Os sustos, as emoções e as risadas marcaram minha vida naquele tempo, um tempo que parece longínquo, mas que nunca esqueço.

Lembro-me de contar os dias ansiosamente para chegar o domingo e atravessar os trilhos do trem para ir assistir aos filmes de “O Gordo e o Magro” no Cine São Carlos. Infelizmente, o cinema não existe mais, porém, as lembranças permanecem na memória. Os filmes de faroeste, por sua vez, eram no Cine Avenida, que também desapareceu com o tempo.

Andar de bicicleta com os amigos era uma aventura em si mesma. Quantas emoções e perigos enfrentamos! Lembro-me de uma vez em que caí com a bicicleta dentro de um córrego. Não me machuquei, mas o susto foi grande. Meus amigos e eu rimos muito depois disso.

Mas não foram apenas risadas e aventuras. Houveram também momentos de perigo e dor.

Lembro-me de um acidente de bicicleta em que quase perdi a perna. Fiquei internado na Santa Casa por seis meses, reconstruindo partes da perna.

Olhando para trás, percebo que tive muitos acidentes e perigos na vida. É um milagre estar vivo até hoje. Eu devo ter um Anjo da Guarda que trabalha muito para me proteger. Lembro-me de um dia em que sai de carro com um amigo e o carro parou no meio de uma avenida. Era um “Zé do Caixão”. Meu amigo desceu para verificar o problema e eu subi no capô do carro. Quando ele resolveu o problema e deu partida, eu me esborrachei no chão.

Quando cresci, tornando-me um jovem adulto, os domingos passaram a ser dedicados ao footing. Olhava para as meninas e sonhava com o lanche X-Tudo vendido no trailer da Praça da Igreja Santo Antônio.

Vila Prado faz parte das lembranças da minha vida. É um lugar que sempre carregarei comigo.

Um lugar que me fez ser quem sou hoje.

Vila Prado: cultivando raízes

Sérgio Barroso

Hoje, como de costume, acordei cedo. Mas, ao invés de ir para o computador, sentei-me no sofá da sala e me veio uma enxurrada de lembranças do passado.

Nasci em São Carlos e cresci na Vila Prado. Lembro-me de momentos difíceis, quando éramos muito pobres. Meu pai perdeu o emprego e tudo ficou ainda mais difícil. Comecei a trabalhar com 8 anos, lavando tablados e cobrindo o chão do bar do Sr. José Pisanelli. Depois, ia entregar pães e leites nas casas.

Tinha vários amigos, alguns já se foram, mas a saudade permanece. Outros ainda existem, mas a vida corrida nos impede de nos vermos com frequência. Lembro-me das brincadeiras, como bolinha de gude, pião e papagaio, hoje chamado de pipa. Era gostoso também nadar no Rio Gregório e caçar rãs. Com uma lanterna feita de uma lata de óleo com uma vela dentro e com um garfo amarrado na ponta de um cabo de vassoura físgávamos as rãs.

Lembro-me de assistir aos senhorinhos jogarem bocha na Avenida Sallum, aos sábados e domingos. E de trabalhar com carrinho, vendendo verduras e flores da chácara do senhor Wagner, amigo de meu pai. Passava pela fábrica IPL, que hoje é a Electrolux, e pela Sicom, que hoje é a Tecumseh, entre outros lugares que não existem mais, como a fábrica Colmeia.

Lembro-me também dos cinemas que já não existem mais, como o Cine Joia e o Cine São Carlos, este localizado próximo à praça Coronel Salles, hoje conhecida como Praça dos Pombos.

Um caso interessante, aconteceu na Praça da Igreja São Benedito, do outro lado da linha do trem.

Ao espirrar, perdi um dente pivô. Passei o dia inteiro procurando o dente, mas nunca o encontrei. Como eu era muito ingênuo e sabia que ali já havia sido um cemitério, fiquei pensando se o dente não havia sido tomado por alguém ali enterrado. Sempre lembro dessa história quando passo pela praça.

Trabalhei em várias profissões, como sapataria, funilaria e operador de caixa. Um dia, resolvi me mudar para São Paulo, onde trabalhei no SESC Pompeia por 12 anos. Mas o sonho de voltar para São Carlos nunca morreu, pois a saudade de São Carlos nunca passou.

Finalmente, o sonho se concretizou e estou novamente em São Carlos, há 11 anos. Espero nunca mais sair daqui, da minha terra natal. É, estas são lembranças do passado, lembranças de fatos vividos na Vila Prado e redondezas.

Por que escrevi essas histórias? Talvez porque a Vila Prado tenha uma magia especial, a magia das lembranças, a magia do amor. E viva Vila Prado.

Vila Prado 130 anos

Vera Lucia Barrionovo Méo

Vejo em ti, bairro famoso,
Inspiração e infinito amor,
Largas ruas bem traçadas,
A Teixeira de Barros, linda em flor.

Progresso em lojas, cafés, indústrias...
Revigora sua gente.
A Paróquia Santo Antônio,
Do Senhor Deus, o maior presente.
O Estádio do Luizão, um delírio permanente.

1 (um) invejável Parque Municipal, o Bicão.
3 (três) escolas atuantes: SENAI, Jesuíno e D. Gastão.
0 (zero) em desamor, e no Nosso Lar, a mais pura proteção.

A Biblioteca Euclides da Cunha, a luz da cultura,
No Santuário Diocesano, a paz do feliz viver.
O orgulho são-carlense, ó Vila Prado, hoje e sempre,
Símbolo de trabalho, tecnologia, cultura, esporte e lazer!



Prefeitura Municipal de
São Carlos

Realização:

ISBN 978-658393312-6

